

A história contada através da arquitetura de uma rua

Eder Donizeti da Silva

Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto - 2011

A história contada através da arquitetura de uma rua

Prefeita Municipal
Dárcy Vera

Secretária da Cultura
Adriana Silva

Presidente da Fundação Instituto do Livro
Edwaldo Arantes

Diretora de Patrimônio Cultural
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Conselho Editorial
Adriana Silva
Érica Amêndola
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Michelle Cartolano de Castro Silva
Tânia Cristina Registro

I195b - A história contada através da arquitetura de uma rua
Eder Donizeti da Silva - (pesquisa e texto) – Ribeirão Preto:
Fundação Instituto do Livro, 2011.
124 pg.; (Coleção Identidades Culturais, n.7)
ISBN 978 85 62852-16-9

1. História de Ribeirão Preto – 2. Arquitetura - 3. Patrimônio Cultural

CDD: 981.612 rpb

Capa - APHRP– Processos da Antiga Directoria de Obras
– 1910. Ilustração: DONIZETI DA SILVA, E.

Eder Donizeti da Silva

Natural da cidade de Ribeirão Preto, arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Ribeirão Preto - Instituição Moura Lacerda, em 1993; Mestre em História e Cultura, em 1998 pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, cidade de Franca - SP; Doutor em Preservação e Restauro, em 2005, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador; atualmente professor adjunto do Núcleo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe - UFS.





Apresentação

Publicar a história da formação da Rua José Bonifácio deixa a todos da Rede de Cooperação Identidades Culturais felizes, pois se cumpre, com esta ação, várias metas: há o reconhecimento da beleza arquitetônica do lugar, atribui à rua o seu real valor - o que está na contramão do conceito de baixada; esclarece o motivo pelo qual se deseja a denominação de Corredor Cultural para a rua; evidencia a importante contribuição do arquiteto e professor Eder Donizeti da Silva e, por fim, coloca-se mais uma significativa obra da Coleção Identidades Culturais em circulação.

Talvez não de imediato, mas no futuro, com certeza, muitos serão gratos por esta iniciativa.

A memória de Ribeirão Preto está sendo preservada.

Adriana Silva
Secretária da Cultura

Foto: Grupo Amigos da Fotografia - 2010



Introdução

O presente livro analisa como a história de uma cidade está estreitamente relacionada à sua produção arquitetônica, dando ênfase a um elemento fundamental da estrutura urbana, a rua. Esta se torna um espelho construído dos acontecimentos históricos, sociais, políticos e econômicos.

A rua é um reflexo das experiências e expectativas dos seus moradores. As construções que as compõem apresentam diversas formas e usos, sujeitos a constantes transformações, apropriações e adaptações que são fruto do viver e sobreviver das pessoas. As edificações de uma rua são capazes de abrigar diversas funções em períodos históricos diferentes: moradia, comércio, fábrica; às vezes, ou quase sempre, essas diferentes funções ocorrem ao mesmo tempo, tirando proveito ou existindo em razão da outra. A construção também pode resistir às mudanças físicas, guardando características marcantes de períodos anteriores que, quando analisadas sob a ótica arquitetônica (espaço x função), podem ser capazes de revelar o comportamento das pessoas em cada época.

Pretendemos com este estudo oferecer subsídios para conhecer e preservar os bens culturais edificados do município de Ribeirão Preto, atualmente, uma das cidades mais importantes do estado de São Paulo, centro de uma região onde a variedade produtiva do campo e o comércio prestador de serviços se destacam com números que figuram entre os maiores do Brasil. A proposta é acrescentar aos vários trabalhos que já se dedicaram aos estudos sobre a história ribeirãopretana, uma análise das construções da rua José Bonifácio e

as suas transformações. Por que esta Rua de Ribeirão Preto?

A escolha da Rua José Bonifácio como objeto de estudo levou em consideração vários aspectos, entre eles, o fato de apresentar edificações com estilos de épocas diferentes, apresentando relação direta com quase todos os períodos históricos da cidade. Considerada a “Boca do Lixo”, faz parte da sua vida a prostituição, os roubos, a marginalização, o tráfico de drogas, o comércio ilegal, mas, mesmo assim conserva o maior conjunto arquitetônico histórico da cidade de Ribeirão Preto.

Construções mal cuidadas ou em péssimo estado de conservação, decorrentes da sua utilização e reformas constantes para abrigar a preferência de cada período, não tiraram a dignidade e o esplendor das edificações. Seus edifícios evidenciam os modos de viver e fazer durante e depois do café, fase de maior importância econômica da cidade.

A proximidade da rua José Bonifácio com a antiga Estação Ferroviária da Mogiana tornou-a quase a extensão da estrada de ferro. A presença do Mercado Municipal e a multiplicidade de atividades comerciais e industriais de diferentes tamanhos mesclados à moradia constituíram os elementos formadores da identidade desta localidade, ao longo do século XX. Diante disto, para a consecução desta pesquisa foi analisado um quadro extenso de fontes orais e documentais, além da realização do levantamento arquitetônico (fachadas, interiores, plantas-baixas das construções).

O estudo aborda períodos diferentes, mas, características próprias ligadas ao uso e a tipologia das construções e de fatos comuns. O que os cinco capítulos possuem em comum é que todos enfocam as construções como protagonistas do contar a História, visando sempre demonstrar que as edificações participaram dos acontecimentos na cidade de Ribeirão Preto, ou melhor, que serviram a este propósito. Se espera demonstrar como, por que,

para quê e por quem as construções da Rua José Bonifácio foram executadas, a relação entre a construção e a sua utilização; como uma ferramenta das práticas sociais durante períodos pelos quais a cidade de Ribeirão Preto atravessou, demonstrando como as construções são capazes de representar comportamentos, o tipo do morador, o usuário, as posses do proprietário, a atividade comercial praticada em maior ou menor escala e, especialmente, sensibilizar o leitor para a preservação mostrando o evidente papel das edificações como reflexo das ações humanas e como registros do que foi realizado no passado.

Não falamos aqui de grandes obras arquitetônicas, mas de edifícios simples, de casas, de prédios, onde os usuários deixaram suas marcas nas construções que permaneceram ou na documentação, a identidade e a maneira de ser de várias gerações. Ansiosos por contribuir para o registro do Patrimônio Cultural Material representado por essas edificações e por colaborar para a sua conservação, oferecendo às futuras gerações a possibilidade de conhecer e de estudar o local onde as pessoas viabilizaram a sua existência durante vários períodos da História da cidade, esperamos que este trabalho seja útil ao meio acadêmico, à administração pública, a todos os leitores e moradores desta cidade proporcionando uma visão histórica diferente dos acontecimentos e fatos que ocorreram em Ribeirão Preto.

1. A RUA JOSÉ BONIFÁCIO NO PERÍODO DA VILA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIBEIRÃO PRETO (1856-1889)

Apesar de existirem inúmeras justificativas para o “aparecimento” de um local em torno do qual as pessoas se reuniam formando aglomerados urbanos, o caso de Ribeirão Preto está extremamente ligado à migração de entrantes mineiros e ao cultivo do café (LAGES, 1996). No final do século XIX, o comércio estava voltado para a venda de mantimentos aos colonos que se estabeleciam nas fazendas e, também, como entreposto de abastecimento para tropeiros que vinham da cidade de Santos e da capital paulista, em direção as Minas Gerais ou ao atual estado de Goiás.

Inicialmente a Vila contava com poucas ruas e algumas travessas. O traçado ou malha urbana foi constituído no formato de tabuleiro de xadrez, condicionando a formação de um conjunto urbano mais planejado, de clara influência de cidades europeias. Esses

traçados, quando implantados, seguiam uma ordenação menos rígida, na qual apenas a área central tinha um desenho quadrangular como modelo, e depois, à medida que a Vila crescia, esta malha era constituída de acordo com os limites e as necessidades dos terrenos e o interesse dos donos das terras.

A estrutura urbana (traçado das vias) desta vila acabaria por seguir a geografia do terreno, ocasionando um misto entre o definido e o acaso das necessidades, de acordo com as barreiras que os rios e as elevações dos terrenos apresentavam, resultado que também pode ser visto na maioria dos desenhos das cidades brasileiras.

Com relação à disposição dos lotes nesta malha quadrangular, a Vila de Ribeirão Preto seguiu o mesmo modelo da maioria das cidades paulistas, que tinham na igreja o centro da povoação, formada da doação de um pequeno pedaço de terra pelos fazendeiros locais visando a implantação de uma capela.

Mas a pergunta principal é: qual o papel desta aglomeração inicial de pessoas? Poderíamos dizer que era o de prestar serviços? Mas, quais serviços? Não havia como se produzir, nas fazendas, certos recursos necessários à sobrevivência humana, e mesmo que se produzisse a maioria ou o mínimo dos bens, sempre faltava algum produto. Assim, a vila era o palco ideal para a atuação de um elemento de extrema importância nas relações humanas: o comerciante. A vila oferecia o recurso mais simples, que era a possibilidade de reunir em um único local, um grande número de pessoas para que estas trocassem suas produções. O comerciante, exercendo este papel milenar de oferecer os recursos que não estavam ao alcance dos moradores da região, tornava-se o intermediário entre a necessidade e a satisfação e representava para a Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto o combustível para sua

existência.

Todas estas características sobre a formação de Ribeirão Preto se refletiram no tipo de construções que foram erguidas, não apenas no período inicial, mas em períodos posteriores. Inicialmente, as construções sofreram uma influência enorme dos mineiros. Sua finalidade era a de abrigar um comércio e a moradia do proprietário, as paredes eram feitas de taipa de pilão e o telhado de duas águas eram cobertos de telhas capa-canal, estes prédios tinham uma tradição vinculada às antigas construções de Minas.

Durante anos as atividades na área urbana estiveram ligadas ao comércio de bens de consumo, como a venda de tecidos para a confecção de roupas; alimentos, como o sal e o açúcar; ferramentas agrícolas e ferragens. Este tipo de comércio, aliado à venda de bebidas, era chamado de empório, caracterizando-se como a principal atividade econômica da pequena vila. Contudo, também existiam atividades exercidas por profissionais liberais, uma delas era a profissão de sapateiro; outras pessoas lidavam com as selarias (lojas especializadas na venda e confecção de artigos de couro, como selas, arreios, chapéus, botas, sapatos, luvas), este último foi um tipo de comércio de grande importância, pois estava ligado ao transporte animal, que era o único existente nesta época.

Outra atividade de destaque eram as lojas de venda de armas e munições, bem como uma variedade de pequenos comércios de bebidas e de mantimentos, como manteiga, gordura e cereais beneficiados, que constituíam, com as atividades anteriormente mencionadas, o conjunto econômico e social da vila, no início de Ribeirão Preto. Entre os moradores das fazendas e da pequena vila ocorriam trocas e a aquisição de produtos de outras regiões, bem como ferramentas para trabalhar a terra. As pessoas que viviam especificamente na vila, com suas famílias, eram as responsáveis diretas

pelas construções urbanas e essas demonstravam o tipo de atividade econômica praticada.

A vila no seu início teve a influência dos costumes e hábitos dos habitantes de Minas Gerais, fato que se refletiu pelo gosto da cozinha, música, roupa e maneira de se comportar do Ribeirãopretano. Posteriormente, em particular com a expansão da economia cafeeira no final do século XIX, esses costumes se modificaram pela diversificação social e cultural, resultado da atração que a economia do café provocou, com a vinda de pessoas de diversas partes do Brasil e de outros países.

A primeira fase, formada por construções mais simples, influenciadas pelas casas mineiras e pelas casas do velho interior paulista, eram feitas para a prática comercial, apresentando pouco conforto, especialmente na parte destinada à família do proprietário. Na segunda fase, os edifícios começaram a ser mais elaborados, apresentando um maior refinamento, e riqueza nas fachadas um maior número de ornamentações, chegando, por vezes, ao exagero, com a utilização de detalhes construtivos como flores, ramalhetes e outros.

Ainda na segunda fase iniciou-se uma diversificação construtiva da vila. Além dos armazéns e das casas mais elaboradas arquitetonicamente, surgiram edifícios voltados para a atividade de pensões, hospedarias e hotéis; para servir à produção cafeeira e aos coronéis do café, e às novas camadas sociais que surgiram como os funcionários da estrada de ferro e das fábricas.

A vila tornava-se repleta de acontecimentos sociais e econômicos, que podiam ser vistos em seu conjunto arquitetônico e que descreveremos a seguir utilizando como exemplo uma de suas ruas.

Nesse contexto de desenvolvimento da vila, acreditamos que a Rua José Bonifácio tenha sido edificada legalmente em 1883, com a retificação do

córrego Ribeirão Preto, mas não descartamos a possibilidade de existir no local, construções mais antigas do que esta data. A retificação do córrego possibilitou o aparecimento de edificações no local.

Das construções anteriores à instalação da estrada de ferro, em 1883, não foram encontrados vestígios documentais, pois a estação de trem trouxe, além do progresso, a modificação (alteração ou demolição) da constituição espacial da malha urbana da vila (vias, lotes e edificações). Com a chegada do trem surgiram novas construções, modificando a vila e iniciando uma série de transformações .

Para certificarmos a data de surgimento da rua José Bonifácio em 1883, procuramos descobrir qual seria o antigo leito do córrego Ribeirão Preto. Para isso, pesquisamos em antigos mapas da cidade e descobrimos em um mapa de 1926 o antigo leito no qual se observa que o córrego ficava, aproximadamente, a um quarteirão da Rua José Bonifácio. Este desenho do leito antigo nos levou a raciocinar que, apesar da proximidade da rua com o córrego, não haveria motivos para se ter uma ou outra construção neste local, mesmo que anterior a retificação.

1.1. As primeiras residências

Pelo enfoque arquitetônico as construções no período da vila ficam determinadas da seguinte forma: 1) de 1856 a 1870, edificações de estilos marcadamente regionais (influência mineira e paulista); 2) e de 1870 até a mudança política para cidade, acrescentam influências de pessoas oriundas dos mais diversos lugares do Brasil, especialmente dos imigrantes franceses, alemães e italianos.

Com relação às construções de 1856 a 1870, consideradas simples, poderí-

amos fazer uma comparação, entre a Vila de Ribeirão Preto e outras localidades, por meio de relatos feitos por viajantes a outras cidades do interior paulista, como extraído do livro de Bardi (1975, p. 286):

Certamente as igrejas ainda eram alpendradas, e assim também talvez fossem as casas de residência, como aquelas de Taubaté que o naturalista Martius descreveu no início do século XIX. Ruas estreitas e casario modesto, com predomínio de cheios (paredes contínuas) sobre vazios (janelas e portas) como exigia a taipa de pilão. Nos sobrados, as vergas das janelas confundiam-se com os frechais, numa característica da arquitetura paulista.

Observemos agora uma fotografia de Ribeirão Preto tirada em 1898 .

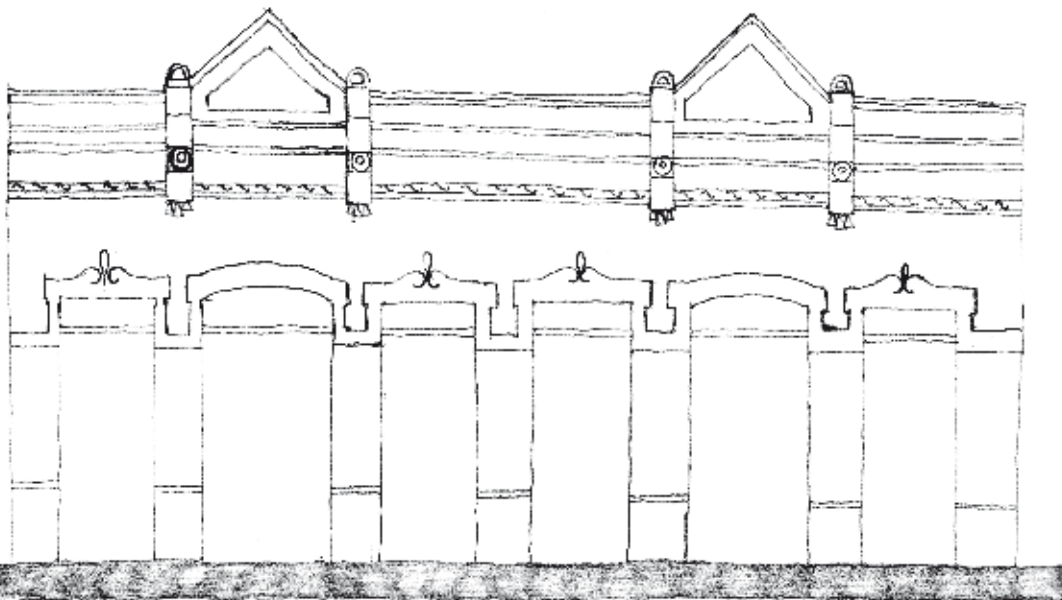


Rua General Osório vista a partir da Estação Ribeirão Preto da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro. Data: 1897/1903. Fotógrafo: Não identificado. (APHRP).

Analisando a foto sob o ponto de vista urbanístico notamos que o conjunto construído (vista geral dos prédios apresentados na foto) demonstra que seria possível existirem construções anteriores a 1883, no local onde seria a Rua José Bonifácio. Para isso, observamos o número de construções por meio da quantidade de telhados: cada duas águas representam um prédio. Este conjunto aos olhos do urbanista levaria anos para ser construído e constituir o desenho urbano reproduzido pela foto.

Poderíamos dizer que as construções no local, teriam o aspecto semelhante ao da fotografia analisada. Para demonstrar como seriam, escolhemos uma habitação da Rua José Bonifácio, datada de 1914, para exemplificar.

APHRP – Processos da Antiga Directoria de Obras – 1914. Fachada reproduzida pelo autor.



Na fachada desta habitação podemos ver várias portas no corpo do prédio (entradas para o comércio), e acima destas portas, as vergas curvadas (arquitetura colonial) e uma platibanda com muitos detalhes. Na planta baixa do interior do edifício notamos a distribuição interna, com as salas de comércio à frente, os quartos dispostos na zona central e a cozinha na parte dos fundos. Um pequeno alpendre, apareceu como um cômodo que está pretendendo fazer parte do corpo principal da construção e o corredor lateral ligado à rua indica entrada dos familiares.

Este tipo de construção, que podia ser visto por todo o interior de São Paulo, tratava-se de um modelo de casa, um padrão de moradia, e apresentava um detalhe peculiar, que era o conhecimento de moradores locais de como se fazer a habitação, quando não existiam livros mostrando as técnicas ou a divisão dos espaços internos, e a transmissão deste conhecimento era feito de pai para filho ou por viajantes (SAIA, 1972). Existiam também mestres de obras sem formação acadêmica, que copiavam construções de revistas ou usavam lembranças de suas viagens.

O aspecto principal nestas construções da vila era a funcionalidade, ou seja, servir como comércio e moradia. Verificamos que tanto na foto de Ribeirão Preto, quanto na planta baixa da habitação da Rua José Bonifácio, a existência deste comércio (salas na frente da construção, com suas entradas características na forma de grandes portas) e a moradia anexa ao prédio (alcovas ou quartos na zona central da casa) demonstram essa situação.

Outro fator interessante pode ser notado, trata-se da parede central que divide a construção ao meio, em duas partes. Havia um motivo duplo para este fator, tecnológico e econômico, a parede central servia de suporte para estrutura do telhado em duas águas – espigões paralelos ao alinhamento e cumeeira; este telhado, suportado pela parede central, era uma solução repeti-

da por todas as construções deste período. A divisão possibilitava o aproveitamento do prédio para a instalação ou a locação de duas atividades, solução econômica, porque era possível fazer uso das duas casas.

Ao analisar a fachada da habitação da Rua José Bonifácio, a referência arquitetura colonial, da verga da porta de entrada, surge uma das hipóteses levantadas por este estudo: de que as construções são representações físicas e o reflexo cultural dos moradores. Apenas este detalhe arquitetônico não poderia representar o comportamento dos moradores e as influências coloniais, portanto, notamos outras características na habitação: a) a frente do prédio para a rua, voltada para abrigar o comércio; b) existe, após o espaço do comércio, uma ante-sala, provavelmente usada pelo comerciante para executar compra com fornecedores ou pessoas de maior importância, ou como depósito; c) depois vinham os cômodos internos que serviam ao descanso; d) a cozinha mais ou menos agrupada na construção; e) não aparecem banheiros na planta, ficavam distantes, nos quintais, grandes áreas livres, onde as crianças podiam brincar; f) há também uma entrada lateral, chamada corredor, que permite o acesso dos familiares.

Após 1870, novas influências começaram a compor as construções da vila, como as soluções higiênicas referentes à iluminação e a ventilação, o interesse por janelas maiores colocadas em todos os cômodos. No quintal, a plantação de gêneros alimentícios de primeira necessidade, abertura de poços para abastecimento de água. Era o início da troca de um comportamento rural pelo urbano. Apesar desta alteração os materiais utilizados na construção ainda eram regidos por normas coloniais, como as paredes de grande espessura, pois serviam como estrutura, o barro usado como agregante e as conhecidas telhas capa-canal. A maioria dos prédios da vila seriam fortemente influenciados por este tipo de arquitetura. Este tipo de

construção tornou-se um marco referencial pois representou uma mudança no tipo de construções executadas na vila, ou seja, de simples para mais elaboradas.

Estes locais recebiam os colonos que vinham à cidade para comprar mantimentos ou para assistir as missas de domingo na capela. Após andarem pelas ruas poeirentas da vila paravam nestes empórios e armazéns para comprar algum objeto de necessidade ou para tomar um “gole” de cachaça ou de cerveja.

Nos edifícios que analisamos neste período na vila, podemos afirmar que o objetivo era a exploração comercial. As construções tornaram-se representações desta vontade e necessidade dos moradores, refletindo as influências mineiras e paulistas e, posteriormente, mostram o início da alteração do comportamento, representadas por lojas no “estilo” francês. Se passarmos à data seguinte (1883), data da retificação do Córrego Ribeirão Preto e inauguração da Estação da Mogiana, os edifícios da vila apresentam essas alterações de influências francesas, alemãs e italianas de uma forma ainda mais acentuada.



Au Bon Marchê.
Concentração de
pessoas durante
comemorações do dia
14 de julho. Bandei-
ras brasileira e
francesa hasteadas na
loja. Data: 14 de
julho de 1901.
Fotógrafo: João
Passig (APHRP -
F022).

1.2 A companhia Mogiana

O grande impulso para a prosperidade da Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto ocorreu no momento em que se inaugurou a Estação de Trem. Este fato levou à transformação do espaço urbano e conseqüentemente a alteração no uso das construções. Novos tipos de prédios foram executados e os antigos remodelados. A partir de 1883 até a transformação da vila em cidade (1889), o espaço urbano (vias, lotes e edificações) passou por uma transformação muito rápida.

A grande produção cafeeira, que se iniciou em 1876, atingiu sua mais elevada taxa de lucratividade, e este fator fez com que muitos aventureiros se dirigissem para o Oeste Paulista. Procuravam a vila para se estabelecer, montando seus negócios; as atividades comerciais neste período foram largamente ampliadas. Estes comerciantes representavam um acréscimo tanto de capital econômico quanto de número populacional. A Estação da Mogiana serviu como ferramenta, não apenas de transporte para a produção de café, mas também como instrumento de chegada de inúmeras famílias que vieram se estabelecer, com seus negócios e profissões, podemos ver pela foto a seguir um panorama geral da Estação da Mogiana por volta de 1883.

Estação de Trens da Cia. de Estradas de Ferro Mogiana, em Ribeirão Preto. Data: início do século XX. (VALADÃO, 1997).



Esta foto mostra o prédio que servia de embarque de passageiros, construção típica para esta finalidade e encontrada em várias cidades do interior paulista. Na foto observamos a lateral do edifício; a sua frente, do lado direito, estava a Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto e também o córrego do mesmo nome. No plano central vemos vagões destinados a levar as sacas de café para as cidades portuárias e a sua frente um grande armazém, que servia como depósito de grande parte das mercadorias que chegavam ou que seriam transportadas para outros locais. A estação era o grande mecanismo impulsionador da economia do café e um fator de desenvolvimento para a vila.

Através desses trens a vila era abastecida com todo tipo de produtos, desde objetos de uso pessoal, na sua maioria importados da França, tecidos, alimentos, até materiais de construção para as edificações. Para se ter uma ideia da importância da Estação da Mogiana, vejamos um comentário extraído da Revista *Il Brasile e gli Italiani*, do início do século XX (s/d, p. 683):

La città é unita a S. Paulo per mezzo della ferrovia Mogiana che fa un servizio veramente degno di ogni encómio. La stazione della ferrovia Mogiana, (La quale vi stabili purê importanti officine per La riparazione Del materiale) é una delle più importanti che conti La rete della compagnia.

A cidade é unida a São Paulo por meio da ferrovia Mogiana, que faz um serviço verdadeiramente digno de ordem econômica. A Estação da Mogiana (também é uma importante oficina de reparação das máquinas) é uma das mais importantes estações que compõem o quadro da companhia.

Esta proximidade da Rua José Bonifácio com a Estação da Mogiana fez com que a rua se transformasse e seus edifícios passassem a servir economicamente à estação. Aqueles prédios que serviam como empórios tiveram

inicialmente suas atividades fortalecidas, pois as mercadorias ficaram mais fáceis de serem conseguidas. Por outro lado, aquele antigo comércio, executado no lombo de animais reduziu gradativamente. O trem era um meio mais seguro, rápido e econômico de levar uma carga muito maior.

Quais seriam os tipos de construções que se juntaram às descritas no tópico anterior? Seriam especificamente quatro novos tipos, ou falando na linguagem arquitetônica, quatro arquétipos construtivos: 1) Construções que serviam como armazém e moradia, começaram a ser compradas por comerciantes de maior poder aquisitivo e transformadas unicamente em comércio, a parte do prédio anteriormente destinada à família, não satisfazia à necessidade de espaço do novo dono; 2) Novas construções exclusivamente residenciais, feitas pelos novos proprietários dos armazéns e empórios, ou pela estação de trens para abrigar seus funcionários mais graduados; 3) Com o passar dos anos e, respectivamente, com maior crescimento da produção cafeeira, alguns armazéns foram transformados em depósitos exclusivos para a estocagem do café e produtos agrícolas; 4) Aparecimento de construções com a finalidade de serem pensões, hospedarias e hotéis, para abrigar os viajantes.

Com a finalidade de demonstrar a influência da estrada de ferro na arquitetura da Rua José Bonifácio e as alterações comportamentais da sociedade com relação a este novo mecanismo econômico, atentemo-nos para a imagem que ilustra a capa deste livro: uma construção na rua no início do século XX. Este mesmo tipo de casa já podia ser visto na capital paulista entre os anos de 1850 e 1900. Esta construção, apesar de datar de 1910, pode ser colocada como exemplo construtivo executado a partir de 1883 até 1920.

Notamos com relação às construções anteriores que a fachada passou por modificações expressivas, os motivos ornamentais começaram a ser utiliza-

dos em grande escala, flores, brasões, além de arcos e semi-arcos sobre as janelas, arabescos, aduelas, armilas na base dos pilares, as bandeiras das portas e janelas com detalhes florais e apanelamentos, a platibanda com curvaturas.

Os novos edifícios refletiam um gosto no qual a mistura do neoclássico com elementos *art nouveau*¹, representam o etilo conhecido como *ecletismo*². Para melhor compreensão vejamos a análise feita por Reis Filho sobre as construções de São Paulo nos anos de 1850 a 1900 (1987, p. 43):

Foi sob a inspiração do ecletismo e com apoio dos hábitos diferenciados das massas imigradas, que apareceram as primeiras residências urbanas com nova implantação... O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o freqüentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados.

Quanto à parte interior desta construção que ficava no limite frontal do terreno, as janelas se abriam direto para rua, e a entrada se dava por um corredor lateral, onde a existência de um pequeno porão, para fins de impe-

1 - A Art Nouveau foi um interessante intermediário entre os séculos XIX e XX. Caracterizado por formas suaves, sinuosas, arqueadas, reluzentes, as tulipas que parecem movidas por um vento cálido, as linhas fluentes de cortes entrelaçados, os frutos maduros, as algas, a fauna oceânica, as cabeleiras onduladas (GOITTIA, 1997, p. 4).

2 - O Ecletismo é a expressão da arte e da arquitetura que se segue ao neoclassicismo, seria apolítico, no sentido burguês, distinto dos revivals, procurava um estilo nacional, que na Itália, se expressou através do neo-romântico ou neo-renascentista, na França e na Inglaterra, do neogótico, apresenta sempre divergências construtivas, inquietude intelectual (FABRIS, 1987, p. 10-13).

dir o contato da umidade do solo com piso da casa, acarretava a subida de alguns degraus para chegar à porta de entrada. Agora, comparando a outra análise de Reis Filho do interior das residências em São Paulo, no início do século (1987, p. 46):

(...) a parte fronteira, abrindo para a rua, era reservada para a sala de visitas, dispunham-se os quartos em torno de um corredor ou sala de almoço (varanda), na parte central, ficando a cozinha e banheiro de fundo. Em inúmeros casos, o alpendre de ferro irá funcionar, até certo ponto, como um corredor externo.

Continuando a análise desta residência da Rua José Bonifácio: a entrada era feita por uma ante-sala, que ligava a dois cômodos da casa, a sala de almoço e visitas e a um quarto menor que poderia servir como quarto de hóspedes. A sala (almoço e visitas) estava ligada também ao quarto maior, que pertencia aos pais, estes dois aposentos estavam voltados para a rua, com suas grandes e trabalhadas janelas de madeira abrindo para fora, de duas folhas, e uma sobre-janela ou guilhotina que podia ou não ser composta de vidros.

Verificando a correspondência das construções de São Paulo com esta da Rua José Bonifácio, observamos novamente uma citação de Reis Filho (1987, p. 46): “[...] como um corredor externo. Para ele abriam as portas da sala de visitas e almoço, janelas ou portas de alguns dos quartos e, por vezes, mesmo as portas da cozinha”.

Na parte posterior da construção da Rua José Bonifácio vemos a área de serviço, a cozinha e o banheiro, que são colocados junto ao corpo da casa, o que comprova o avanço com relação às técnicas de serviços de abastecimento de água e esgoto, utilizando manilhas de barro. Existe também o alpendre

lateral, que visa a proteger e servir de local de contemplação e descanso dos moradores, também há o corredor, mas que não podia ser visto pelas pessoas que estavam na rua. O tipo de construção descrito retrata as alterações que foram ocorrendo em virtude desta expansão social e econômica proporcionada pela estrada de ferro. Com relação à arquitetura, as construções da rua passaram a utilizar os rendilhados de ferro (especialmente nos portões, escadas interiores e janelas), influência direta da estação de trens e do estilo *art nouveau*. Com relação às mudanças comportamentais, fica claro nestas alterações, pela maior ornamentação da fachada e no seu interior pela disposição dos cômodos, a influência dos imigrantes italianos, alemães e franceses.

Essas mudanças construtivas também mostram um maior cuidado com o conforto e a higiene no interior e exterior das residências (porões, menor umidade e maior ventilação e iluminação, com maior número de janelas) a casa espelha uma preocupação com o conforto e saúde dos familiares. Com relação àquele antigo sistema funcional da construção, moradia e comércio, a função trabalho passou a ser realizada separada deste tipo de casa, apenas a família se servia deste prédio, o que leva a reafirmar a presença daquele comerciante de maiores condições econômica, que compram os antigos imóveis e os transformam, ou daqueles novos integrantes da classe social da cidade, os funcionários da Cia Mogiana, que poderiam morar neste prédio e trabalhar na estação.

A relação do homem com os prédios com a rua que ele habita, ocasiona um palco, um cenário, não meramente uma figuração, mas uma relação de interdependência, na qual os prédios passaram a ser o local de moradia, de trabalho e do viver do personagem. Podendo, com o passar dos anos, de acordo com a importância de uma determinada construção, que as edificações se tornem até os personagens dos acontecimentos.

1.3 O viver, o morar e o trabalhar na rua

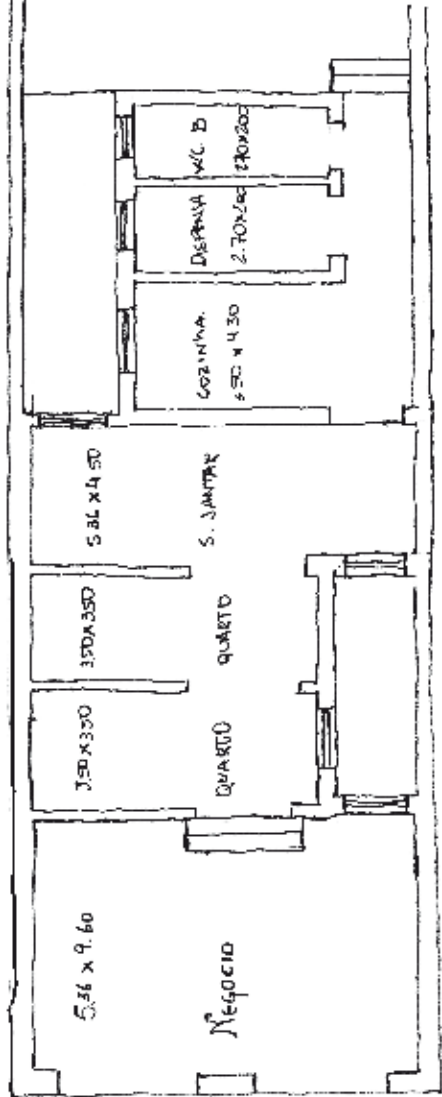
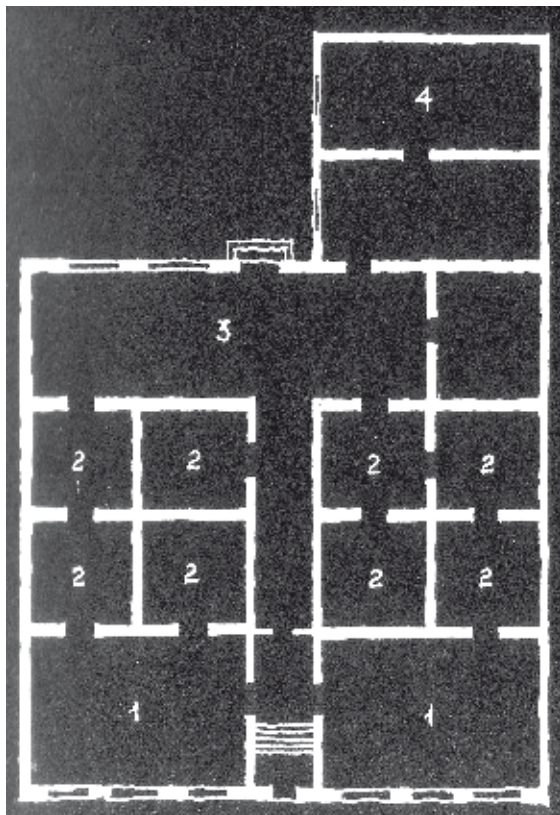
Na sociedade ribeirãopretana do final do século XIX havia um vínculo entre as práticas socioculturais rurais e urbanas. Os hábitos dos moradores da vila eram, na maioria, os mesmos dos moradores das fazendas, vejamos o que diz Reis Filho (1987, p. 30) à respeito desta relação entre um povoado e o meio rural em 1882:

As casas urbanas tentavam resolver em parte o problema, por meio de pomares, criação de aves e porcos ou do cultivo da mandioca e de um outro legume... Esses hábitos por certo vinham acentuar a vinculação, ao mundo rural, dos centros pequenos. Construídas para acomodar apenas nos dias de festas os moradores das fazendas, as vilas e cidades menores tinham vida urbana intermitente, apresentando normalmente um terrível aspecto de desolação. Terá sido esta, por certo a impressão de Saint-Hilare sobre Taubaté, quanto comenta, ao chegar àquela cidade, em 1882: como em toda a cidade do interior do Brasil, a maioria das casas fica fechada durante a semana, só sendo habitada nos domingos e dias de festas. (REIS FILHO, 1987, p. 30-32)

Uma das formas de apreciar o comportamento destes moradores da vila é fazer uma análise da parte interna da casa e das funções que esta abrigava. Para isso analisaremos planta de uma habitação da Rua José Bonifácio quando comparada a uma planta residencial de 1800-1850 em São Paulo extraída do livro de Reis Filho (1987, p. 38).

Tirando proveito da análise dos espaços em relação ao comportamento dos moradores da vila, fica claro, pela disposição interna, que o cômodo da

(lado esquerdo) Planta do Arquivo e Histórico de
Ribeirão Preto. Processo 220 (Lado direito) Ilustração
do autor.



frente (salão) era para exercer a atividade que comentamos inicialmente: comércio de bens de primeira necessidade (empório), portanto trabalhava-se na parte da frente da construção, este era o trabalhar na rua; na parte central do prédio, vivia-se em família (alcovas e salas de viver); a parte dos fundos trabalhava-se para a família (cozinha e serviços). Este era o morar na rua; as atividades, que tinham uma vinculação entre o mundo rural e o urbano (festas, missas) aliado à influência e gostos mineiros determinavam o viver na rua.

O tipo de disposição interna descrita, também possui uma influência distante das antigas construções portuguesas que, aos poucos, foram transformadas de forma miscigenada pelos interiores do Brasil. A construção representava bem a simplicidade do viver, morar e trabalhar dos poucos comerciantes que ali se fixaram. Este quadro comportamental se transformou com a implantação da cultura do café a partir de 1870, pois o cultivo necessitou de uma quantidade de instrumentos e de mão de obra muito maiores do que a pequena vila oferecia. A produção do café exigia ferramentas para o trato com a terra, facas, facões, enxadas, arados e animais para o trabalho e para o transporte.

Desta forma, a vila atraiu inúmera quantidade de pessoas, entre comerciantes, artesãos e trabalhadores rurais, dando início a uma nova fase na urbanização de Ribeirão Preto. As construções tiveram que ser modificadas para acomodar estes novos moradores, pois o número de produtos a serem oferecidos à população aumentou em termos de quantidade e variedade, e os prédios buscavam se adequar para esta finalidade, tornando-se diferentes. Foi neste momento que as construções foram utilizadas como verdadeiras ferramentas de trabalho, pois este migrante passou a construir edifícios que abrigavam exclusivamente sua família e outros que serviam apenas ao comércio, sepa-

rando aquela antiga dualidade da construção: moradia e trabalho. Gradualmente o comportamento passou a ser mais urbano, exigindo melhorias da infraestrutura urbana do povoado, pois estes novos moradores fixaram residência. Aquele comentado vínculo urbano-rural, do apenas ir aos fins de semana na vila, alterou-se, com a constante presença de uma maior população.

Uma alteração que pode ser observada é o aumento do interesse por espaços dedicados ao entretenimento, como é possível observar, abaixo:

L'Eldorado Paulista – Ribeirão Preto, che è una fra città più vivaci dello stato di S. Paulo per attività di industrie e di commercî, ha anche i suoi luoghi di attrattiva, convegno di quanti domandano, nel breve riposo concesso dalle fatiche accanite della vita di lavoro, qualche momento di svago.

O Eldorado Paulista - Ribeirão Preto, que está entre as cidades mais vibrantes do estado de São Paulo, pela atividade da indústria e do comércio, tem também lugares de atração para aqueles que querem, no breve repouso merecido das duras fadigas da vida de trabalho, algum momento de divertimento. (il Brasile e gli Italiani, s/d)

Este trecho mostra o fortalecimento do comércio, indústria e equipamentos de lazer, fomentado pelo enriquecimento dos produtores do café e das necessidades desta crescente população. É possível perceber que ocorreu a influência dos imigrantes na constituição dos novos edifícios. As construções apresentaram novas implantações, outra distribuição interna das funções e dos cômodos, enriquecimento das fachadas, apesar das dificuldades técnicas e materiais imporem limites. Observamos o que diz Reis Filho (1987) à respeito da importância do imigrante para a construção dos novos espaços destinados à moradia e como a produção e mecanização dos materiais começaram a interferir neste processo:

As primeiras manifestações da mecanização na produção de materiais de construção e a presença dos imigrantes como trabalhadores assalariados respondiam pelas alterações técnicas construtivas da época [...] aparecem as primeiras residências urbanas com nova implantação [...] as residências menores apresentavam pequenas entradas descobertas com porões e escadas de ferro, lançavam mão de poços de iluminação, com evidentes vantagens higiênicas.



Detalhe da Casa da Caramuru.
Foto de 2010, acervo da Secretaria da Cultura.

Ocorreu uma mistura entre o antigo costume mineiro de construir e a nova maneira de comportar-se dos imigrantes, este fato pode ser visto claramente pela construção situada próxima a Rua José Bonifácio, na Rua Caramuru (continuação da Rua José Bonifácio), anteriormente usada como chácara (Borges, 1983), e posteriormente reformada pelos imigrantes italianos. Podemos ver que esta construção seguiu os mesmos padrões das casas da primeira fase da vila, mas já apresenta um cuidado extremamente superior com relação aos ornamentos da fachada, são mais ricos e belos. Este fato demonstra como a vida na cidade passou a ter uma importância muito grande e que o tipo de habitante era mais exigente quanto ao bem viver e ao bem morar.

As construções seguiram inicialmente os mesmos padrões descritos acima, mas estes tipos de edificações foram rapidamente sendo alteradas para estilos mais sofisticadas, pois a Rua José Bonifácio ofereceu o palco ideal para a instalação de atividades comerciais de grande importância para a vila. Foi nesta rua, espaço anteriormente repudiado pela dificuldade que o solo apresentava, que novos prédios e casas, bem como a maioria dos novos moradores elegeram para habitar. O *status* que a proximidade da Estação da Mogiana ofereceu era imbatível com relação aos outros locais do povoado.

Os acontecimentos econômicos, sociais e políticos atingiram o auge em Ribeirão Preto no final do século XIX, estendendo-se até a crise de 1929, este período de prosperidade econômica e intensa vida social e cultural descreveremos a seguir, através das construções da Rua José Bonifácio e da sua utilização para os mais variados propósitos.

2. O AUGE

ESTUDO DA RUA JOSÉ BONIFÁCIO DE 1889 AO CRACK DA BOLSA DE NEW YORK EM 1929



Edificação da rua José
Bonifácio de 1928.
Ilustração Adriana
Dantas Nogueira

As mudanças socioculturais motivadas pelo progresso econômico e pelo grande fluxo migratório tiveram reflexo no conjunto arquitetônico da Rua José Bonifácio.

Os prédios da rua passaram a ter mais finalidades, por exemplo, os armazéns e empórios, ou eram transformados em pequenos depósitos, locais de negociação de produtos como verduras, algodão e o próprio café, ou se transformaram em lojas especializadas na venda de produtos como materiais de construção e ferragens, ou ainda, refletiam um misto destas atividades, ficando conhecidos como “Casas Comerciais”. A atividade hoteleira esteve diretamente relacionada à estação de trens, pois a rua era a primeira a receber os viajantes. Outra atividade de grande valor comercial e social implantada no local foi a fábrica de bebidas no início da segunda década do século XX. Podemos afirmar seguramente que este período foi o de maior importância na constituição espacial da Rua José Bonifácio, pois os edifícios mais significativos foram construídos e a rua tomou sua forma urbana, elegendo sua principal característica e determinando sua vocação: o comércio.

O Mercado Municipal, inaugurado em 1910, e uma variedade de outras atividades passaram a constituir o espaço físico da rua.

Toda esta estrutura que a rua recebeu definiu-a como sendo uma das mais importantes desta época. Morava-se com a família nas construções da rua, trabalhava-se no comércio, confeccionavam-se nos prédios vários produtos: sapatos, malas, chapéus. Os edifícios eram armazéns, bares, depósitos e também podiam hospedar os viajantes de maneira simples (pensões e hospedarias) ou luxuosa (hotéis). Este momento teve dois períodos econômicos distintos: o primeiro é o da implantação de todas estas atividades (de 1889 até o início do século XX), e o outro, posterior, de 1919 até a crise de 1929, que chamamos de afirmação, no qual as atividades já instaladas tornaram-se “maduras”, não necessitando tanto da economia do café, podendo se susten-

tar através das necessidades providas do aumento populacional e atividades industriais (fábricas de bebidas e tecelagem).

Fica reconhecido neste período o auge da rua, pois, ela absorveu um conjunto comercial que soube usufruir não apenas de uma riqueza produtiva proporcionada pelo café, por meio do braço econômico representado pela Estação da Mogiana, mas também pelo acúmulo de riquezas por parte das novas atividades urbanas que surgiram. Estes fatores serviram para auxiliar na sustentação da economia da cidade durante a crise dos anos posteriores a 1930 e afirmaram definitivamente a principal função econômica de Ribeirão Preto: o comércio prestador de serviços. Entendemos este período como o mais importante desta pesquisa, pois determinou um conjunto construtivo que se manteve até os dias atuais, apesar das alterações e transformações impostas com o passar dos anos.

A sobrevivência deste conjunto arquitetônico é uma resposta de como este momento foi importante para a Cidade de Ribeirão Preto, pois mesmo estando sujeito a modificações sociais, econômicas e políticas, as construções da Rua José Bonifácio desta época foram as únicas a se manterem erguidas até os dias atuais. Nem todos os prédios da rua desta fase sobreviveram, mas uma grande quantidade foi preservada. Estes exemplos são importantes referências culturais edificadas do município. Apesar de estarem em péssimo estado de conservação, ainda são usados para diversas finalidades comerciais, demonstrando que mesmo perto de completarem um século de existência alguns conservam as mesmas características de cem anos atrás (caso dos hotéis). Infelizmente da época em que este trabalho foi escrito (1998) até sua publicação (2011) muitas edificações foram demolidas, como o Hotel Guapé no cruzamento da Rua José Bonifácio com Duque de Caxias (o prédio de três pavimentos mais antigo da cidade).

Uma perseverança, um acaso, sorte, ou a afirmação de que, neste período

e em outros, as construções representaram o instrumento de sobrevivência de muitas famílias e exerceram o papel de único bem seguro. Mesmo com o passar dos anos, apesar de deixarem de ser o local de maior importância comercial da cidade, os velhos prédios da Rua José Bonifácio resistiram.

Hotel Guapé. Ilustração Adriana Dantas Nogueira



2.1 As novas construções

O final do século XIX e início do XX, no que tange à implantação, podemos colocar como sendo o período que acrescentou novos tipos às construções mais antigas da rua, que foram moldados de acordo com o gosto e as necessidades dos novos proprietários (comerciantes) que se estabeleceram na cidade. Nessa fase que chamaremos de implantação, analisaremos essas construções que passaram a figurar no conjunto espacial da rua e como elas serviram aos propósitos de seus proprietários e tornaram-se os instrumentos que formaram o quadro urbano, econômico e social da época, no qual culminou na própria afirmação comercial da rua.

Temos os seguintes tipos de construções: casa de moradia unifamiliar; a casa e o comércio; os depósitos; os hotéis; hospedarias e pensões.

A casa de moradia unifamiliar

Este tipo de construção foi amplamente implantado na rua no final do século XIX e início do XX, tendo como proprietários os novos comerciantes que se estabeleceram na cidade e não viam nos antigos armazéns o modo ideal para morar. Estavam acostumados a um conforto bem diferente do oferecido pela antiga fórmula de morar e trabalhar utilizado pelos entrantes mineiros, desta forma, eles separaram as atividades e construíram residências na rua. Outro padrão de moradia unifamiliar foi construído pela própria Estação da Mogiana, para seus funcionários mais graduados, este tipo teve uma curta existência, pois a necessidade do aproveitamento ao máximo do local não permitia apenas a construção de uma simples moradia e, aos poucos, estas edificações com exclusiva finalidade residencial deixaram de

existir, dando lugar a depósitos, lojas, hotéis, pensões e armazéns. Na figura ao lado podemos verificar como este tipo de construção destinado apenas a abrigar a família, como a exemplo da casa do Sr. Luiz Rossi, feita em 1912, na Rua José Bonifácio demonstra na fachada o gosto daquele período pela grande quantidade de ornamentos.

Pela fachada observamos que o gosto daquele período era pela grande quantidade de ornamentos. Existem algumas possibilidades para se explicar este tipo de construção, ela foi muito empregada na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1850-1900 (REIS FILHO, 1987), estilo chalé, empregava os lambrequins (ornamentos florais e espirais de madeira, normalmente sobre ou pela platibanda). Neste tipo de estilo, vemos a afirmação do conhecimento, por parte do proprietário, do que ocorria nos centros mais avançados, como na capital da República (Rio de Janeiro) e em São Paulo. Com relação à influência desta arquitetura, o chalé, apreciemos o comentário de Del Brenna (1987, p. 37) sobre o tipo de construção que se praticava no Rio de Janeiro em 1870: “O fascínio do chalet estava na alusão à modernidade. Na evocação de hábitos e saudades que pertenciam a outros lugares e outros países, e que se tornou aqui imagem estilizada, moda repentina e, pouco depois, fenômeno incompreensível”.

Por outro lado, o próprio sobrenome Rossi já define se tratar de um imigrante conhecedor de estilos que já eram aplicados em outros locais. A facilidade de adquirir revistas e jornais de outros centros, propiciada pelo transporte ferroviário, também deve ser levado em consideração com relação à divulgação e cópia de modelos de casas.

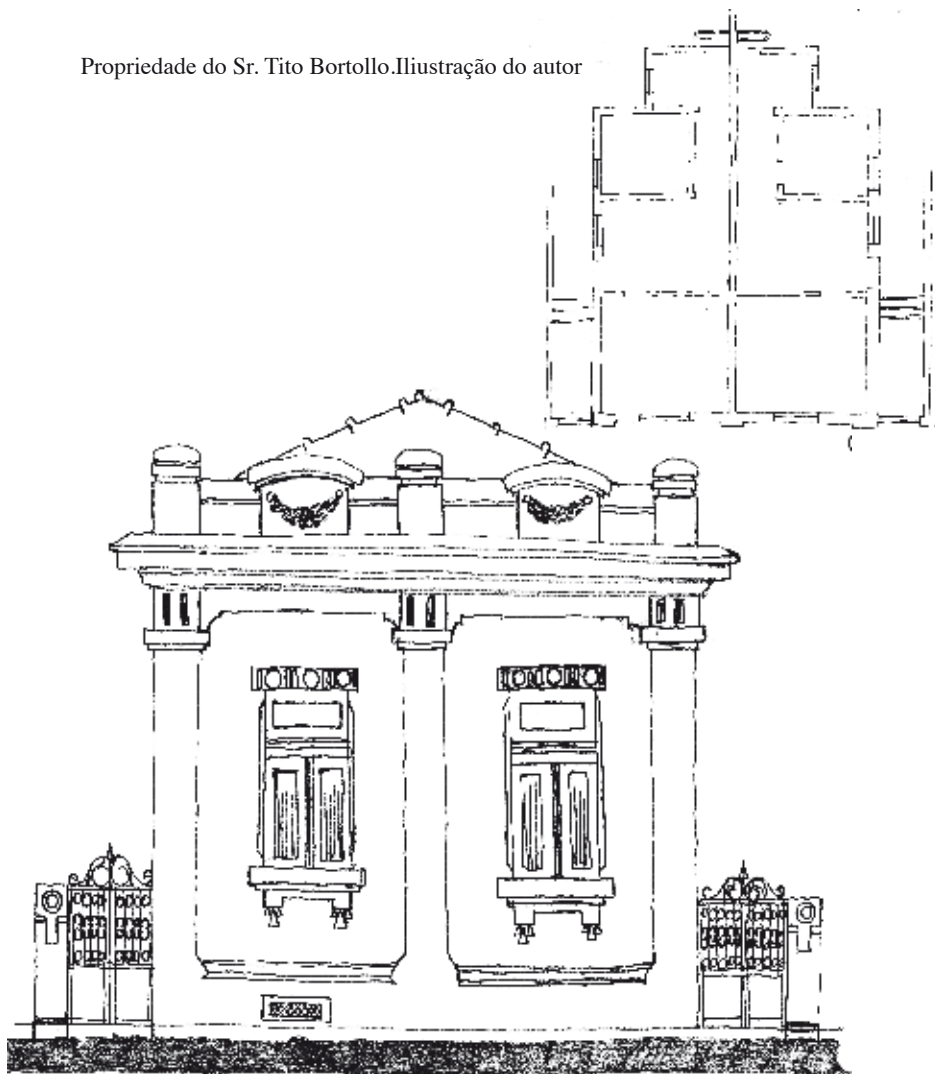
Os quartos desta casa seguem um modelo de posicionamento à frente da construção (diferente das antigas alcovas mineiras e paulistas colocadas na zona central do edifício), na entrada e ante-sala (sala de visitas) e a sala principal (convívio e jantar, local de reunião dos familiares), a cozinha

aparece junto ao corpo da casa, o banheiro está fora da casa, mas já aparece ligado ao prédio por meio de um corredor coberto (varanda lateral), que serve de ligação com o alpendre e entrada da casa (recoo lateral). Esta construção demonstra que a maneira de morar estava sendo alterada; aquelas antigas construções que valorizavam o espaço íntimo (maior quantidade de quartos) e que permitiam um maior número de pessoas morando na casa, estava sendo substituída por outro tipo de construção, onde os espaços eram menores.

Com relação a esta crescente alteração no comportamento e no morar, vejamos o que diz Lemos (1987, p. 74) sobre o contraste entre os antigos habitantes de São Paulo e os imigrantes nos anos de 1875: “[...] a aspereza do confronto dos naturais da terra com a gente vinda para ficar, trazendo novos usos e costumes... Gente com novo saber fazer, novas técnicas, outras perspectivas [...]”. Como observamos, anteriormente, este tipo de construção teve presença muito curta na Rua José Bonifácio (substituídas por outros tipos construtivos), mas serviam como modelos para edificações que começaram a ser feitas na periferia, nos bairros que estavam se formando na cidade (como a Vila Tibério e Vila Virgínia).

Outro exemplo construtivo da Rua José Bonifácio, de 1913, a propriedade do Sr. Tito Bortollo, conforme figura a seguir, difere da edificação anterior porque segue um modelo de implantação no limite frontal do terreno, direto com a rua. A casa possui uma disposição interna conhecida popularmente como casa geminada (influência dos imigrantes). A principal diferença com relação ao exemplo anterior, é que a casa é bem menor, mas pela sua funcionalidade, pode abrigar duas famílias. Este fator demonstra como a população deste período cresceu rapidamente e a baixa oferta de casas para moradia obriga o aproveitamento ao máximo da construção.

Propriedade do Sr. Tito Bortollo. Ilustração do autor

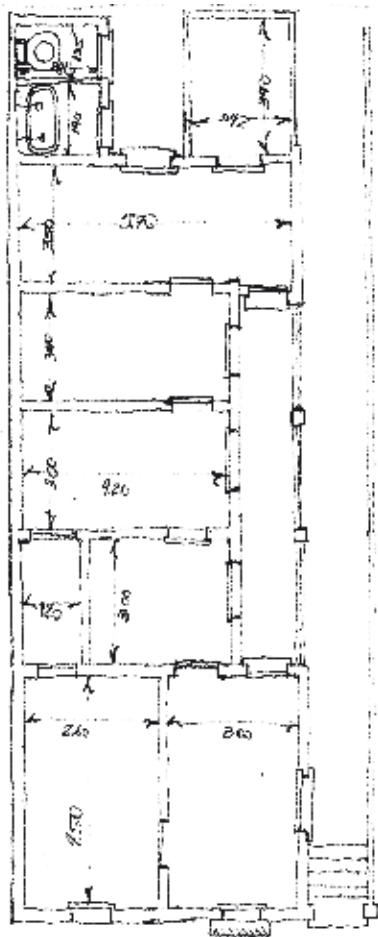
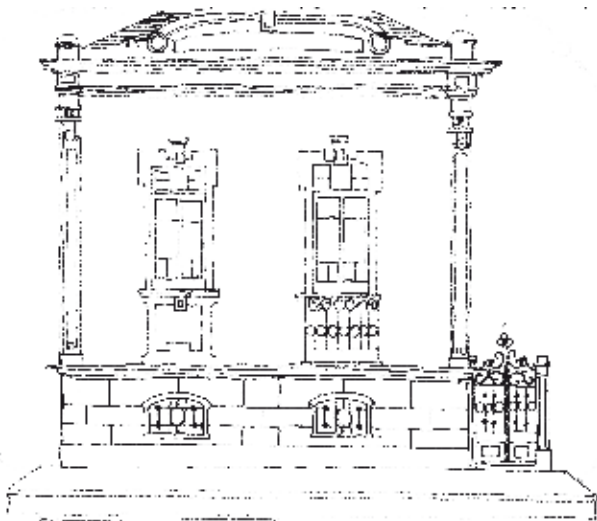


A fachada era menos trabalhada, com poucas ornamentações, uma questão de economia, pois, provavelmente, este tipo de edificação era feito para servir como fonte de renda, como casa de aluguel, prática que começou a se tornar comum. Com o passar dos anos, este tipo de construção foi sendo aperfeiçoada, chegando a um tipo mais confortável e com melhor disposição interna dos cômodos, como podemos ver na ilustração reproduzida ao lado, construção de 1919, propriedade do Sr. Paulo João Ferreira.

Analisando a fachada, de um eclético contido, sóbrio e portões altos. Uma preocupação no aparentar uma posição social austera com evidente decadência do estilo. Internamente a disposição dos quartos ainda permanece à frente. A área social, sala e ante-sala no corpo central da construção e, cozinha banheiro e área de serviços, nos fundos. A entrada continua seguindo a lateral do prédio, permitindo um alpendre frente da área social. A maior diferença reside numa maior proporção com relação ao comprimento e largura dos cômodos. Este tipo de edifício demonstra uma preocupação com a iluminação e a ventilação dos cômodos internos, considerar, o desenho do banheiro, onde podem ser identificados uma banheira e vaso sanitário, comprovadores de que a cidade possuía a infraestrutura de rede de esgoto e água instaladas.

Esta análise socialmente demonstra que as construções em estudo (residências unifamiliares) da Rua José Bonifácio abrigavam a moradia de poucas famílias. O cuidado com a qual eram feitas as casas sugerem que denotavam ser de propriedade de pessoas com elevado grau de conhecimento e possuidoras de recursos econômicos, mostrando certa segregação social, se comparadas àquelas construções iniciais da rua. Notamos, em uma das construções, um pequeno quarto nos fundos da casa (quarto de empregada), o que mostra que este tipo de família patriarcal começa a perder espaço, em

virtude das novas exigências econômicas e sociais. Com relação ao significado e função de cada espaço interno da construção neste período, vejamos o que diz Teixeira (s/d, p. 63): “A divisão da casa refletia bem a divisão de funções que a vida havia tomado, existia o espaço certo para o trabalho, a diversão, a intimidade, a cerimônia, para os homens e para as mulheres”.



APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras. Fachada reproduzida pelo autor.

Teixeira (s/d, p. 65) escreve sobre a relação dos espaços da casa e o papel do homem e da mulher neste final de século XIX e início de XX:

O puritanismo burguês estabeleceu espaços diferenciados para homens e mulheres. Suas intimidades não se misturavam cada qual podia se isolar no seu mundo particular, evidenciando mais uma vez, o enfraquecimento das relações sociais, o que exigia o ritual das visitas, muitas salas nas construções, para abrigar as festas”... “Os homens, os chefes da casa, possuíam os gabinetes, as salas de jogos, as mulheres se refugiavam nos seus BOUDOIRS, onde junto com os tapeceiros criavam um mundo das remotas fantasias. A sala de estar, contudo era o centro da casa, onde as variedades atordoantes construíam o Museu da Vida da Família.

A maioria das casas da rua é pequena para abrigar grande quantidade de pessoas. O tipo e a localização da construção evidenciam que seus moradores, possuem certa importância social (novos comerciantes). As famílias que moravam nestas edificações podiam ser consideradas, dentre as de condição financeira média, uma vez que os mais ricos ou moravam nas fazendas, ou passaram a possuir casarões no centro da cidade. Com o crescimento do comércio, este tipo de construção (residência unifamiliar) começou a ser preterida, dando lugar novamente à construção do tipo casa e comércio.

A Casa e o Comércio

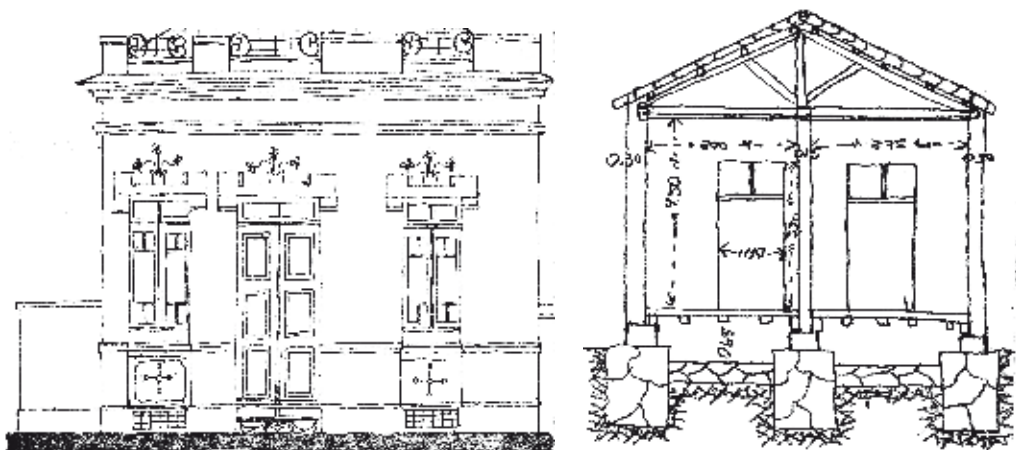
A análise deste tipo de construção é indicativo do uso misto entre moradia e comércio, como as construções que serviam aqueles velhos empórios

dos entrantes mineiros, mas com a nova influência construtiva dos imigrantes italianos, na melhor ornamentação da fachada, nos porões, para elevar a casa do solo, na entrada lateral possibilitando uma maior intimidade familiar.

Observamos nesta edificação as mesmas limitações encontradas nos antigos edifícios do período da vila, mas também inovações, o que evidencia a existência de um claro confronto entre os antigos conceitos tradicionais (antigos moradores) e as novas modas (novas ideias trazidas pelos imigrantes).

Vejamos outro exemplo de casa e comércio na Rua José Bonifácio, do ano de 1922, propriedade do Sr. Carlos Russo. Esta construção apresenta com maior clareza a dualidade de morar e trabalhar fazendo uso do mesmo local. No chamado “Negócio”, localizado na frente do prédio, a implantação já demonstra que os edifícios estão se tornando especificamente locais comer-

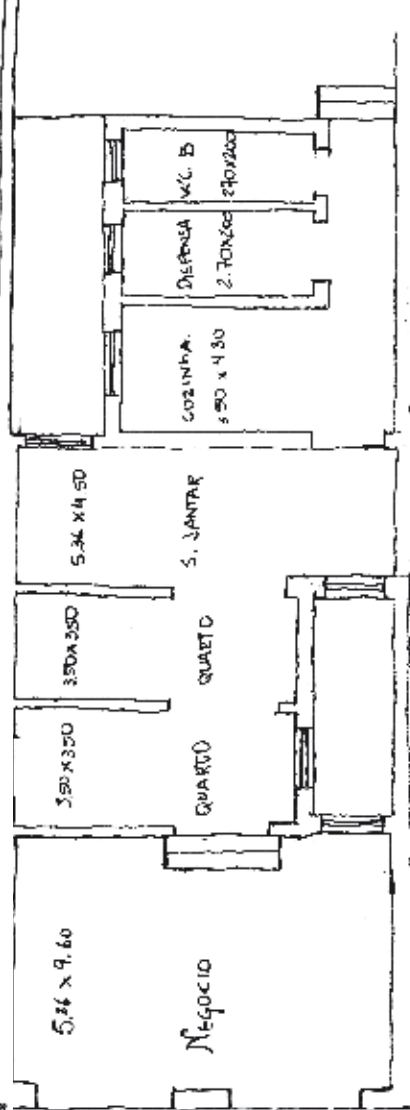
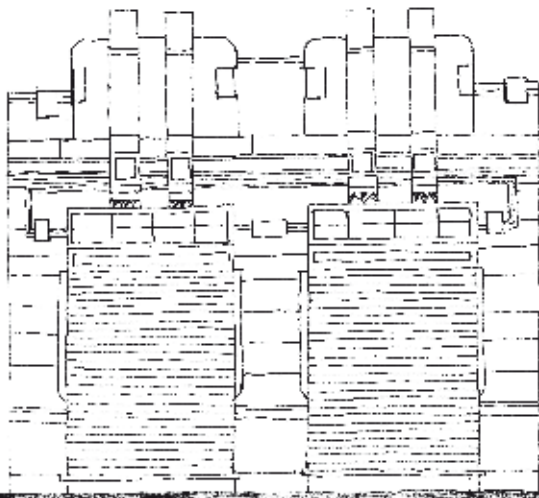
APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras. Fachada, Corte, detalhe do portão, reproduzidos pelo autor.



ciais, não há espaços para corredores laterais. A fachada apresenta uma nova intenção social, que tem a cidade como mecanismo principal da economia e a “máquina” como objeto central de veneração, este novo estilo era o *art déco*.

Um dos resultados da expulsão da função morar das construções da Rua José Bonifácio foi o aparecimento dos depósitos, que não eram bem uma novidade, mas uma adaptação dos antigos armazéns e empórios, agora com a finalidade de guardar produtos, na sua maioria de origem rural, como algodão, arroz, batatas e

APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras.
Fachada e Planta baixa, reproduzidas pelo autor.



o próprio café.

Observamos nos dois últimos exemplos, adaptações construtivas de acordo com as necessidades e as possibilidades do proprietário e o tipo de comércio que este praticava, também cabe observar que estas transformações não ocorreram instantaneamente, mas, aos poucos, especialmente quando um tipo de atividade comercial se sobressaía, e determinava um novo aproveitamento dos prédios. Essa constante mudança de uso do prédio formou uma complexa e variada organização espacial na rua. Os depósitos podem ser colocados no meio destas transformações, como um intermediário entre as construções executadas para servir como moradia e comércio, e as construções que seriam destinadas única e exclusivamente para a atividade comercial, que se torna a condicionante no uso das construções da rua. A parte da construção destinada à moradia tem pouca relevância, o salão é mais importante, pois é nele que são oferecidos e estocados os produtos. Outro exemplo deste tipo localiza-se no cruzamento da Rua José Bonifácio com a rua Mariana Junqueira, típica construção de depósito. Esta construção foi o resultado do aproveitamento total do espaço, com a finalidade comercial. Nos depósitos, além do estoque do produto, também se negociava, isto é, comprava-se e vendia-se qualquer produto agrícola.

Os Hotéis, Hospedarias e Pensões

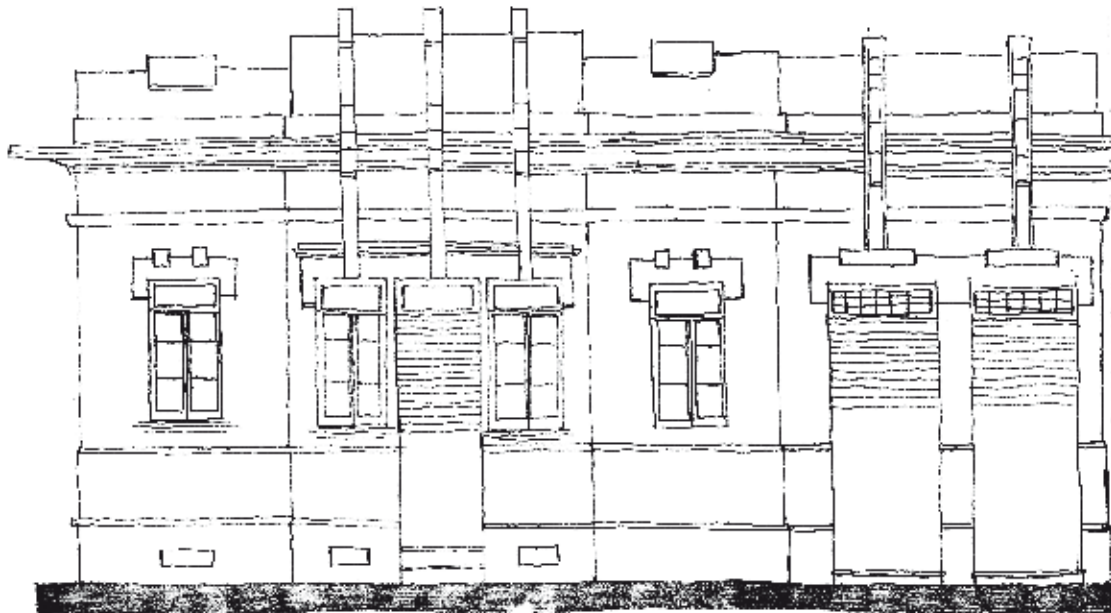
Representam um tipo construtivo, que guarda certa semelhança com as construções destinadas à moradia e ao comércio, pois, muitas vezes, resultaram de uma adaptação dessas antigas residências com a finalidade de abrigar hóspedes. Ao mesmo tempo em que encontramos na rua essas construções adaptadas também localizamos exemplos distintos como os hotéis construí-

dos com esta finalidade.

Vejamus um exemplo de 1922, na Rua José Bonifácio de propriedade do Sr. João Temporini. A planta demonstra que se trata de uma construção que mistura comércio e moradia para uma grande quantidade de pessoas, tipo uma hospedaria. A fachada, em estilo *Art Déco*, observamos grandes aberturas para salões, talvez para servir a alguma atividade comercial, como um restaurante. O edifício apresentava inúmeros quartos, para aluguel.

Essas construções foram largamente utilizadas na Rua José Bonifácio e em grandes cidades como o Rio de Janeiro no início do século XX (BRESCHIANI, 1978), para suprir a falta de moradia frente à crescente população que buscava no meio urbano o emprego que perdera no campo.

APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras. Fachada reproduzida pelo autor.



Este tipo de habitação foi muito combatido pelas autoridades municipais, pois, representava um local onde a marginalidade e a prostituição aconteciam. Na concepção higienista da época eram locais onde a insalubridade ocasionava possíveis focos de doenças transmissíveis.

As hospedarias e pensões representavam um local acessível, em virtude do baixo preço dos serviços, assim passaram a receber todo tipo de pessoa. Este fato fez com que, em alguns locais, a rua fosse vista com receio pela população. Hospedavam-se nestes quartos, em sua maioria aventureiros, não tinham nenhum vínculo com a cidade e podiam ir embora a qualquer momento. Registravam-se comumente pequenos furtos, arruaças, bebedeiras e prostituição. Apesar dos problemas, a atividade que produziu os mais belos edifícios na rua foi a hotelaria e, por incrível que pareça, algumas destas construções não foram demolidas até 1998.

Os hotéis tiveram papel especial durante o período áureo do café, abrigaram celebridades. Um exemplo importante na Rua José Bonifácio é este em estilo eclético, pois este estilo agradava a todos os gostos utilizando em sua fachada representações do passado, de maneira variada. Era belíssimo para todos os padrões construtivos da época, este tipo de hotel servia a categoria de pessoas com recursos econômicos mais elevados. Outro exemplo, infelizmente demolido recentemente, foi o já citado anteriormente, o Hotel Guapé. O prédio de três pavimentos era o mais antigo da cidade o que demonstrava o grande investimento econômico que se fez na época para a construção de tal edificação, em contrapartida, podemos imaginar o lucro que esta atividade representava. Após a derrocada do café, estes locais foram se degradando, pois passaram a ser moradia temporária daqueles mesmos “aventureiros” e das famílias que alugavam as pensões e hospedarias, além dos chamados artistas e jogadores de cartas.

Com a afirmação do comércio como principal fonte econômica na cidade, as construções que citamos começaram a sofrer modificações, não que fossem grandes alterações construtivas, mas reformas, e através delas se produziram novos espaços, entre eles tivemos: o sobrado, os depósitos, as lojas e os hotéis e pensões.

Hotel Hollywood. Fotos de 1996 - Arquivo do autor.



O Sobrado

Este tipo de construção representou para a rua a fase na qual os comerciantes atingiram uma posição de destaque dentro desse quadro social e econômico.

Aproveitando esse crescimento econômico, os comerciantes compraram as antigas construções da rua, especialmente aquelas de moradia unifamiliar, e as demoliram ou reformaram. No lugar deste tipo de edifício construíram um tipo de prédio com a finalidade de “resgatar” o morar e trabalhar num mesmo local, mas agora, de forma confortável e bela. Para este tipo de construção buscaram como modelo aqueles antigos sobrados da época e fizeram seus comércios na parte térrea e sua habitação no andar ou andares superiores, vejamos como exemplo uma construção ainda presente na rua José Bonifácio.

Com relação a esta troca de tipologia construtiva, de casa térrea para sobrado de Salmoni e Debenedetti (1981, p. 60-73), comentam sobre as

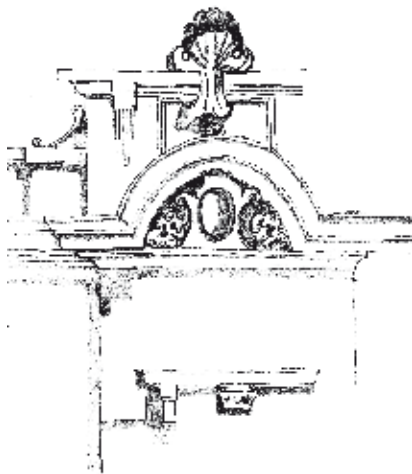
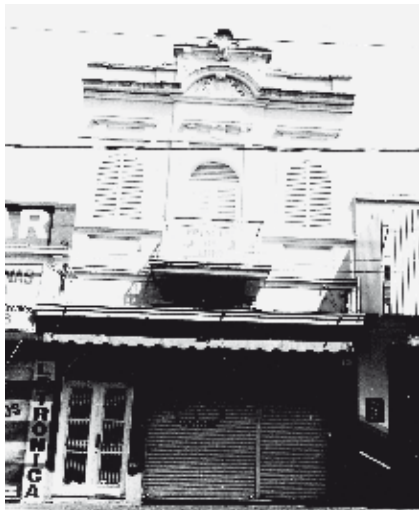
Sobrado na Rua José Bonifácio construído em 1920. Arquivo do autor. Foto de 1996



construções na capital paulista na virada do século XIX para o XX:

Por volta do fim do século aparecem numerosos sobrados de dois ou mais andares que substituem as casinhas [...] muitos imigrantes, obtendo êxito, transformaram-se, em poucas dezenas de anos, em proprietários de indústrias, em fazendeiros, em ricos comerciantes. Então a casinha construída com as próprias mãos ou com auxílio de um pedreiro torna-se insuficiente.

Outra construção que representa como eram estes sobrados que utilizavam a arquitetura eclética como referência, com desenhos simbólicos e inscrições que faziam notar o dono do imóvel, ainda pode ser vista na rua.



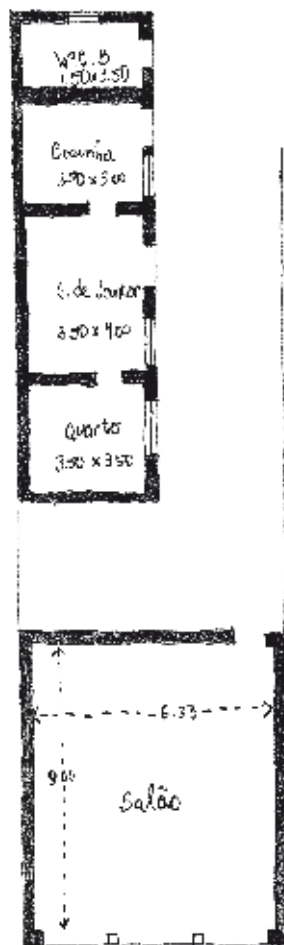
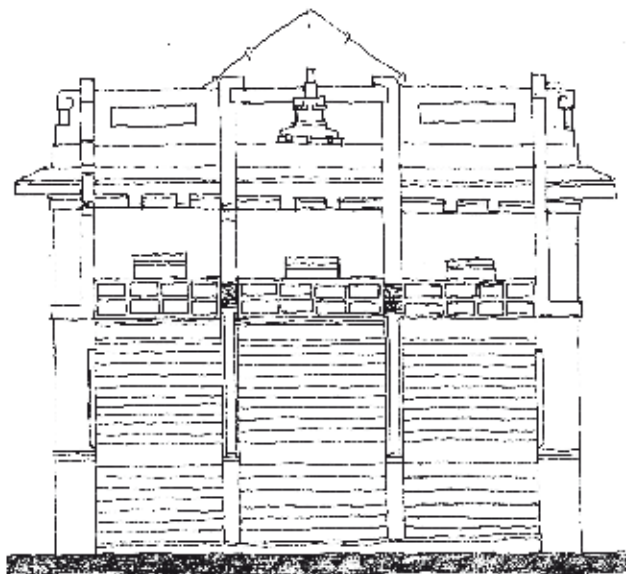
Sobrado na Rua José Bonifácio construído em 1925 e detalhe (desenho) da fachada. Arquivo do autor. Foto de 1996.

Este sobrado torna clara a relação da construção com o proprietário, com sua atividade comercial, com a venda de produtos em grande quantidade, produtos que a crescente população urbana começa a ambicionar. Por se tratar de imigrantes, a facilidade em adquirir produtos do seu país de origem era maior, encontravam neste fator um dos pontos para sobrepujar os antigos comerciantes locais, que aos poucos, deixaram de existir. Este trabalho de intermediar os produtos estrangeiros facilitou a formação de um comércio sofisticado na rua, e o local para a venda destes produtos passou a ser o térreo destes novos sobrados.

Os Depósitos

Tiveram sua afirmação de 1910 em diante, e foram inicialmente uma alternativa construtiva para guardar o excedente do café e, posteriormente, de outros produtos, especialmente o algodão, a batata, o arroz, que passaram a ser largamente produzidos na região, além de produtos como a manteiga, o fumo e outras mercadorias que vinham de locais que começavam a ser mais explorados, como Goiás e seus interiores. Este tipo de prédio, ainda pode ser visto na Rua José Bonifácio, às vezes compreende quarteirões inteiros da rua. Sua arquitetura mais simples é caracterizada por grandes espaços internos e elementos ornamentais na platibanda. Com o passar dos anos, a maioria destes depósitos ou armazéns teria seu interior subdividido com a finalidade de abrigar vários comércios diferentes dando início às futuras pequenas lojas.

Como notamos, pelo decorrer das análises, cada tipo de construção foi perdendo ou cedendo lugar para outra, na medida em que novas atividades comerciais eram “eleitas” como as principais.



APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras.
 Fachada, Planta baixa e Corte, reproduzidas pelo autor.

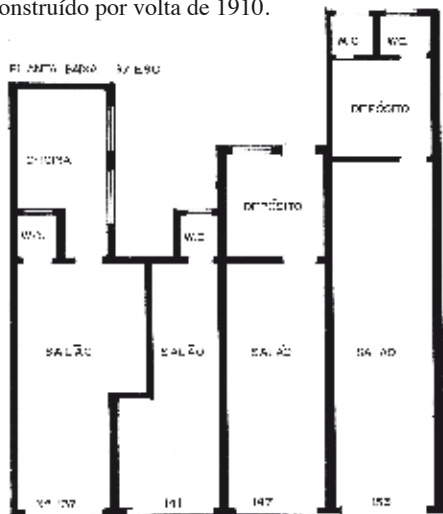
As Lojas

Apesar de já existirem na forma dos antigos armazéns e empórios, as lojas se sofisticaram influenciadas tanto pela facilidade de adquirir os produtos (através da estação de trens), quanto pelo acúmulo de capital proporcionado pelo café. À medida que o lucro do café diminuía, a importância econômica da atividade comercial de outros bens aumentava e passava a se destacar.

Existem alguns fatores humanos e físicos que determinaram o aparecimento deste tipo de construção, foram eles: a) muitos trabalhadores saíram do campo e vieram para a cidade com o objetivo de tornarem-se comerciantes; b) a falta de espaço para abrigar estas pessoas e suas prováveis atividades fez com que estes locais

(depósitos e armazéns), que estavam parados ou desativados em virtude da crescente queda da produção do café, fossem subdivididos; c) surgem grandes bazares, de comerciantes com maiores possibilidades econômicas, mas estes, se utilizaram dos sobrados para exercerem seu trabalho. Esta utilização dos depósitos como lojas tornou-se constante a partir de 1930. Neste exemplo observamos como os depósitos foram transformados em inúmeras lojas, subdivididos internamente com a

Depósito na Rua José Bonifácio construído por volta de 1910.



finalidade de abrigar uma crescente exigência de espaço para a implantação do maior número possível de atividades, ou seja, de lojas.

Os Hotéis e Pensões

Tiveram uma afirmação tipológica muito rápida no conjunto construtivo da rua, tornaram-se atividades lucrativas e muito exploradas (PRATES, 1975). Este tipo de atividade foi extremamente rentável durante o auge da rua, mas com a decadência da produção cafeeira, esta atividade sofreu adaptações, como todas as outras anteriormente citadas.

A cada momento, reforça-se a ideia das construções terem sido o instrumento de trabalho, seja na forma de lojas, de pensões, de pequenas fábricas, e o local, onde os profissionais, chamados liberais, desenvolviam sua atividade, eram barbeiros, alfaiates, sapateiros, médicos, engenheiros. As construções da Rua José Bonifácio serviram como ferramenta de trabalho e local de moradia, a cada período, de uma forma cada vez mais complexa e numerosa, sendo que as atividades praticadas na rua refletiam cada vez mais as conquistas pessoais de seus proprietários. Os tempos difíceis que vieram com a crise de 1929, só foram suplantados pela afirmação destes comerciantes. Além de usar o imóvel, muitos comerciantes passaram a alugar (sublocar, dividir o espaço), encontrando uma nova fonte de renda.

A utilização da rua de 1889 a 1929 de acordo com as construções que nela foram erguidas e seu uso social em relação a atividade econômica praticada demonstraremos a seguir.

2.2 Atividades na rua José Bonifácio

A análise feita anteriormente sobre como as edificações resultam das práticas socioculturais e econômicas possibilitaram a compreensão do aparecimento dos vários tipos construtivos, analisando as construções como registro de atividades, formando um grande conjunto que funciona interligado, cujos componentes são as pessoas, os edifícios, a rua (FESSER, 1986).

Entre o final do século XIX e o início do XX a rua formava uma espécie de local de encontro entre os moradores das fazendas, os visitantes e os moradores da própria cidade. Nos comércios da rua compravam-se tecidos e na casa ao lado encomendava-se uma roupa com o alfaiate; no armazém logo na esquina as senhoras e moças de família, e aqueles nem “tão” familiares (artistas dos cabarés e bares) podiam ver as novidades importadas de Paris. Os homens compravam nas casas comerciais os seus chapéus, suas selas de montaria, botas, chicotes e artigos em geral, já os colonos, compravam mantimentos, como o sal, o açúcar e principalmente ferramentas para a chamada “lida” na lavoura.

A Rua José Bonifácio era uma espécie “mercado persa”, somando hotéis que funcionavam como moradia provisória para pessoas variadas, desde as mais recatadas, aos tipos mais extravagantes, como os artistas, que vinham à cidade se apresentar, através das companhias teatrais e de dança. Também encontramos os famosos jogadores de cartas, roleta e bacará, pois nesta altura, Ribeirão Preto adquirira fama como local de fortuna, jogo e carteadado, atraindo todo tipo de aventureiro.

Em 1920, a rua já possuía calçamento de paralelepípedos, propiciando o tráfego de automóveis, mas sem a saída definitiva da charrete. Era um misto entre o novo e o antigo. Retomando a época a partir de fotos é possível delin-

ar como e de que maneira se utilizava a rua e como cada construção servia a uma finalidade, em separado ou em conjunto, também mostra como o espaço era vivenciado pelos moradores. Notamos, a partir de todos estes detalhamentos, a comprovação da análise e a definição dos dois períodos, o de implantação e afirmação.

Outra atividade que direcionava a maneira com a qual era utilizada a rua eram os hotéis, pensões e hospedarias. A maneira de comprovar este tipo de utilização é através da análise de plantas baixas de algumas construções nesta tipologia. Podemos notar a importância desta construção, e sua utilização social e econômica, observando a planta, o número de cômodos destinados aos quartos, e toda a estrutura voltada para acomodar os viajantes. A atividade de hospedagem exercia um papel especial dentro da utilização da rua, pois nem todos que vinham para Ribeirão Preto tinham condições de alugar um quarto em hotéis como o do exemplo, a grande maioria dos viajantes procuravam acomodações mais modestas, o que levou ao aparecimento de pensões e hospedarias, especialmente na Rua José Bonifácio.

Podemos ver pela propaganda do Jornal A Tarde de 1935, sob o título Pensão Brasil Familiar: “cômodos para famílias e passageiros, comidas quentes e frias a qualquer hora, banhos quentes e frios. Pedro Balbo”. A propaganda demonstra como este tipo de comércio era utilizado na rua e afirma as questões colocadas a respeito das construções do tipo. Podemos observar através de outra propaganda, encontrada no Diário da Manhã de 1936, como era utilizado outro tipo de construção na rua: o “Armazém Matarazzo: Algodão em caroço, compra-se qualquer quantidade [...]”, esta propaganda afirma a constituição espacial que descrevemos com relação aos armazéns que, aos poucos, foram se tornando depósitos e passaram a trabalhar com variados tipos de produtos rurais, como algodão, matéria prima para a indústria têxtil que surgia.

A rua começou a ser a preferida para as compras diárias de alimentos, pois a proximidade das fazendas que ficavam atrás da Estação da Mogiana, facilitava o transporte para a rua de produtos como verduras, hortaliças, frutas, carnes, peixes, ovos, animais e toda a sorte de objetos. As edificações existentes feitas para servirem ao comércio não eram adequadas para a venda deste tipo de produto, ou seja, a venda de alimentos frescos, como a carne de animais abatidos na hora, como galinhas e porcos; este produto não havia ainda sido explorado, porque a população na sua maioria morava na área rural e tinha acesso a todos estes alimentos; com o crescimento da população urbana, este tipo de atividade se tornou necessária, e o local escolhido para a implantação deste comércio foi a Rua José Bonifácio.

Alguns comerciantes começaram a utilizar algumas construções (os armazéns) para esta finalidade, outros não possuíam edifícios, começaram a montar barracas como uma feira. A procura deste tipo de alimento crescia rapidamente, a intenção de se construir um prédio destinado a este propósito já começava a ser cobrada pela população, a escolha da rua para esta construção deveu-se a própria maneira que ela era utilizada, como comércio de todo o tipo de produtos e por toda a população da cidade e da área rural. Para atender esta nova realidade foi construído na Rua José Bonifácio, em 1900, o primeiro mercado municipal. O local ficou conhecido como o largo do mercado e passou a abrigar muitas atividades comerciais, sempre destinadas a venda de produtos de primeira necessidade (SITTE, 1992).

O mercado serviu para reunir num só local os moradores da cidade. Ali era possível ficar sabendo de todos os acontecimentos que haviam ocorrido ou que ocorreriam; as donas de casa se encontravam no local, normalmente pela manhã, para comprar os produtos destinados à alimentação diária da família, o pão e o leite para o café da manhã, a manteiga e os queijos, além de bebidas e produtos para as refeições do dia. A presença do mercado

serviu também para abastecer os hotéis, pensões e hospedarias, que necessitavam de grande quantidade de alimentos para prepararem as refeições dos hóspedes. Desta forma, o mercado foi incorporado à vida cotidiana da rua com muita facilidade, pois o tipo de atividade nele exercida refletia muito bem a maneira como a rua era utilizada, além de tornar-se, com o passar dos anos, um dos principais “personagens” da cidade.

2.3 A presença dos grandes fazendeiros

Interessa-nos neste ponto, esclarecer como a presença do “Coronel do Café” influenciou a rotina e costumes, determinando a postura e ordenamento do espaço urbano e, respectivamente, o aspecto da construção da rua José Bonifácio.

O que desejamos é a demonstração que os grandes fazendeiros não marcaram apenas sua presença, com o dinheiro que colocavam no comércio, com a compra e venda de grandes quantidades de produtos, ferramentas, materiais de construção, alimentos como o sal e açúcar. Eles também investiam recursos em uma infinidade de atividades, como os shows, através da contratação de companhias e artistas estrangeiros, além de promover e participar de decisões e ordenamentos políticos, enfim, era o poder social e econômico instituído na “legalidade”.

Como a presença do grande fazendeiro teria interferido na construção das edificações de grande e pequeno porte, especialmente na Rua José Bonifácio? As grandes construções públicas, como a Casa de Câmara e Cadeia, hoje na rua Cerqueira Cesar, o Theatro Carlos Gomes e o Palácio Rio Branco, obras representativas do poderio econômico do café, influenciaram as linhas arquitetônicas de construções menores na rua José Bonifácio.

Outros tipos de edificações que influenciaram as construções mais populares foram os casarões, feitos no centro da cidade. Estas obras foram erguidas por políticos e pelos senhores do café, que utilizavam o local nos fins de semana, acompanhados de suas famílias, hábito que havíamos registrado no período da vila, mas em empreendimentos arquitetônicos mais modestos. A maioria destes casarões não existe mais, mas sabemos que neles eram empregados os mais ricos detalhes em acabamentos, tanto no interior quanto na fachada, sendo que as construções deste tipo foram eleitas como modelos, utilizadas como gabaritos construtivos, pela classe que começava a ganhar prestígio, o comerciante. Um dos remanescentes construtivos desta época, localizado na área central da cidade, foi transformado em biblioteca (Biblioteca Altino Arantes). Este antigo edifício foi doado por uma das famílias de maior importância no período cafeeiro, a família Junqueira (CIONE, 1992). As construções urbanas apesar de buscarem novos rumos com relação a soluções internas e externas, influenciados por gostos de outros países, sempre se serviram de alguns elementos que as casas das fazendas possuíam, isto é, as pessoas comuns viam nos homens que dominavam a economia cafeeira modelos e procuravam imitá-los, seja no vestir, no comer, no andar, e porque não na construção, que era a representação física maior de seus bens. Os grandes edifícios públicos e os casarões, que eram o produto construído do capital dos grandes fazendeiros e servia como extensão da representação do poder, simbolizado pelas sedes das fazendas, tornou-se para o comerciante mais simples um exemplo construtivo que devia ser aplicado, pois na sua construção o comerciante demonstraria tanto na disposição interna da casa, quanto nos elementos da fachada, os ícones do sucesso e do poder, mesmo que em menor escala.

Mesmo depois de toda variedade de situações, que resultou ou influenciou



Edifício Biblioteca
Altino Arantes. Ilustração do autor

na formação de todo conjunto social, econômico e político e que refletiu no tipo de prédios que foram erguidos na Rua José Bonifácio, ainda ficaram faltando dois elementos de fundamental importância dentro deste quadro histórico, que somaram outras infinitas situações e transformaram o viver e sobreviver da população, acarretando a alteração e o aparecimento de muitos outros tipos de edificações, alterando o comportamento humano. Iremos ver esta influência na rua, ocasionadas pelas cervejarias e o teatro, no tópico seguinte.

2.4 As cervejarias e os teatros

À medida que a cidade foi se urbanizando no ritmo da economia cafeeira-se, o meio urbano se transformou num lugar onde todos desejavam exibir suas conquistas, os fazendeiros, com a construção de edifícios públicos e casarões, e o comerciante, através de réplicas menores destes prédios, entretanto faltava para todos um ingrediente: a diversão. Como dispunham de grandes recursos financeiros, os fazendeiros queriam transformar a cidade de Ribeirão Preto numa pequena metrópole, dotada de todos os recursos dos grandes centros urbanos, com luxo e esplendor, mas que servisse como objeto de seu uso particular. Entre esses empreendimentos, existiu um destinado a prover a cidade do mesmo entretenimento que os grandes centros ofereciam, era um dos maiores e mais belos edifícios da época no Brasil, o Teatro Carlos Gomes, com início da construção em 7 de novembro de 1897. Esta construção serviu como local onde se realizavam todos os tipos de espetáculos como óperas, operetas, peças teatrais e comédias, tanto familiares como não tão familiares.

O teatro passou a ser frequentado por uma maioria masculina e as peças deste tipo, do famoso Teatro de Revista (ARTE BRASILEIRA, 1976), começaram a suplantam as mais familiares, com a importação de diferentes companhias teatrais, na maioria francesas, compostas de dançarinas e atrizes. Os espetáculos, cada vez mais, passaram a ser dirigidos ao público masculino. Outros fatores acompanharam este tipo de atividade artística, o jogo de cartas, roletas, bacará e as bebidas, praticados em muito nos hotéis da Rua José Bonifácio, onde se perdia ou ganhava fortuna, da noite para o dia. Este tipo de comércio, incrementado pelo teatro, passou a constituir para a cidade, uma espécie de propaganda mundial, atraindo, entre outras, pesso-

as que praticavam o jogo de azar. Esses usuários foram os responsáveis pela construção de muitos hotéis que citamos. Existiram entre essas pessoas os famosos artistas, tanto das companhias renomadas, de grande prestígio, quanto os não tão famosos. Os primeiros sempre exigiam acomodações a altura de sua fama, este foi um dos motivos que levou ao investimento na construção deste tipo de edificação.

Os espetáculos atraíam muitas pessoas que vinham de outras regiões para assistirem as peças teatrais e também as festas populares, que passaram a ser realizadas no largo à frente do teatro. Todo este contingente humano recorria aos hotéis, pensões e hospedarias da Rua José Bonifácio. Podemos encontrar neste fato mais uma explicação para esta atividade comercial (hotelaria) ter feito grande sucesso. É claro que nem todas estas pessoas que procuravam acomodações provisórias na rua eram possuidoras de prestígio, fama e dinheiro. Poucos podiam pagar as acomodações mais luxuosas, desta forma, a maioria se hospedava nas construções mais simples e nas antigas residências familiares que, aos poucos, foram sendo transformadas para atender a este tipo de atividade.

Nesse ambiente de difusão do lazer noturno, consumia-se grande quantidade de cerveja. Este grande consumo levou a inauguração de uma atividade de êxito na cidade, duas fábricas de cervejas, entre 1911 e 1914 e uma delas, a Companhia Paulista na José Bonifácio. A fábrica de cervejas teve um papel decisivo na transformação e aparecimento de uma série de atividades e, conseqüentemente, no uso das construções da rua, pois mais uma vez, o local escolhido para sua implantação foi um lote à beira do Córrego Ribeirão Preto, cujos fundos davam para a Rua José Bonifácio. A própria fábrica já representaria para a rua um acréscimo econômico, na forma de recursos de capital que ela geraria, e um acréscimo também social, na forma de empre-

gos, introduzindo um novo arquétipo humano, o operário. Estes dois novos elementos, a fábrica e o operário, ocasionariam nas construções uma série de alterações.

A fábrica e o operário produziram no local a necessidade de novas atividades. A princípio, o operário se acomodou nas pensões e hospedarias da rua, criando uma complexa relação com os outros usuários, mas sua presença representava para o comércio em formação um potencial de vendas, e para os hotéis, pensões e hospedarias, mais uma fonte de recursos. Aos poucos estes operários foram encontrando na cidade o local para morar definitivamente. Eram as novas vilas operárias, na então periferia da cidade, como a Vila Virgínia e a Vila Tibério depois veio o Barracão (atual bairro do Ipiranga) e o Campos Elíseos, esses foram os locais escolhidos pelos operários para erguerem suas residências.



Prédio da Cia Paulista. Foto 2010. Acervo da Secretaria da Cultura. Sede do Stúdio Kaiser de Cinema.

Como foi dito, a fábrica de cervejas propiciou o aparecimento de outras atividades na Rua José Bonifácio, como as pequenas fábricas de marcenaria e as serrarias, as primeiras para a produção de móveis, para suprir o mobiliário da crescente população, e as segundas para produzir engradados e caixotes, para acomodar as garrafas de bebidas para serem transportadas. Também surgiram inúmeras novas atividades, como fábricas de vidro e garrafas. Estes tipos de fábricas encontraram na rua e nas suas proximidades o local ideal para se desenvolverem. Através da propaganda do Jornal A Tarde de 1935 “Grande Fábrica de camas de ferro de móveis de luxo Rua José Bonifácio 21, telph. 2-4-8”, podemos confirmar que esta atividade começou a se destacar nos finais da década de 1920.

Como observamos as atividades que se estabeleceram na rua, ligadas ao teatro, à cervejaria e aos tipos de pessoas que passaram a compor o quadro social, fortaleceram uma relação direta de uso com o comércio e com os prédios que estes ocupavam. O novo quadro social que se diversificou, precisou de locais que viessem ao encontro de suas necessidades, os que tinham poucos recursos só podiam morar em construções adaptadas, que eram as pensões e hospedarias, antigas construções usadas inicialmente como residência ou depósito. Já as pessoas de maiores recursos econômicos se hospedavam nos hotéis de maior requinte, mas muitos exerciam atividades chamadas duvidosas, que ocasionavam a depreciação destes hotéis. Este fato fez com que esta construção passasse a receber qualquer hóspede, culminando no quadro pejorativo da rua descrito anteriormente.

A introdução da fábrica e do novo elemento o operário, fez com que a falta de oferta de moradias se agravasse, condicionando que as construções disponíveis na rua fossem utilizadas como moradia temporária, para todos que vinham a cidade, especialmente o migrante rural, o operário e suas famílias. Como a fábrica de cervejas propiciou o aparecimento de outras pequenas,

como as serrarias; os antigos depósitos e armazéns começaram a ser usados para acomodar estas fábricas. Reunindo toda esta nova gama de acontecimentos descritos, formou-se o quadro geral da utilização e o conjunto construtivo na qual era composta a Rua José Bonifácio na sua fase mais próspera. O maior beneficiado com todas estas atividades foi o comércio, da rua e da cidade que, aos poucos, com todas estas transformações, via-se estimulado e não mais tão dependente do comércio específico do café. As atividades voltadas para a indústria e para o comércio iam, gradativamente, transformando a utilização das construções. Cada vez mais os edifícios se tornavam indispensáveis no mecanismo da vida urbana e, desta forma, seus espaços internos e externos refletiam as atividades que se tornaram as mais importantes.

Via-se nas construções um aspecto totalmente voltado para o comércio e as pequenas indústrias, como também uma relação com a tradição que se havia formado relativa à cultura do café, especialmente nos motivos ornamentais de decoração das fachadas dos prédios. Aos poucos a vida rural foi deixando de ser a mais importante e a urbana começou a figurar como a principal. Esta transformação social e econômica era encontrada na arquitetura das construções.

3. A CRISE

ESTUDO DA RUA JOSÉ BONIFÁCIO DE 1930 A 1945

O café estabeleceu na economia da cidade dois pontos distintos, ao mesmo tempo em que ele era o principal produto e se vivia em função de suas necessidades. Ele gerou uma relação comercial prestadora de serviços, que serviu, além do mercado cafeeiro, à população, que havia crescido vertiginosamente em poucas décadas, tanto na cidade como no meio rural.

A prestação de serviços foi importante para a sobrevivência da cidade após a crise de 1929 porque era formada por atividades tipicamente urbanas, como fábrica de móveis, serralherias, pastifícios, bares, fábricas de sapatos, pequenas metalurgias (para a fabricação de parafusos e ferramentas), depósitos e armazéns destinados à construção civil, bazares e as fábricas de tecidos (tecelagens), juntamente com um comércio voltado para a venda de gêneros alimentícios e uma variedade de objetos. Também existiam várias categorias de profissionais liberais. Como os engenheiros, dentistas, farmacêuticos e médicos, a quantidade destas duas últimas categorias profissionais levaria, num futuro não muito distante, à implantação da Faculdade de Farmácia de Ribeirão Preto e da faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, ambas do Estado de São Paulo (que reconhecidamente hoje estão entre as mais importantes do Brasil).

Junto a estas atividades que se encontravam na área central, desenvolveu-se um novo tipo de empreendimento, a venda e assistência técnica de veículos automotores, na forma de lojas, oficinas mecânicas e postos de gasolina, que serviriam como mais um item que permitiu à cidade suprir ou levantar novos recursos frente à crise econômica de 1929. Este tipo de atividade

também representou o processo da mudança do transporte ferroviário para o rodoviário. Esta troca gradativa, após a derrocada do café, que tinha a estrada de ferro como principal aliado comercial, demonstra que os novos donos da economia, os comerciantes e industriais se apoiaram no transporte automobilístico (caminhões), como demonstração dos novos tempos.

A cidade de Ribeirão Preto havia vivido em função da produção do café e, evidentemente, pode sentir a maior parcela da crise que se abateu por todo o país, mas graças às condições de acúmulo de capital proporcionadas por certos segmentos da economia e mesmo dos antigos cafeicultores que sobreviveram à crise e começaram a diversificar a produção, tendo em outros produtos agrícolas, como o algodão, o milho e a pecuária, novas e empreendedoras atividades, a cidade resistiu economicamente. Aqueles que direcionaram suas atividades não com a exclusividade de servir ao café sobreviveram, outros tiveram suas atividades encerradas ou mudaram para outras regiões.

Junto com esta reformulação econômica e social, os imigrantes vieram a ter um papel fundamental na nova formação do espaço urbano, pois se tornaram os sobreviventes à crise, com a vantagem do conhecimento e prática comercial das cidades de origem e com recursos que haviam trazido dos seus países. Eles puderam se estabelecer em atividades tipicamente urbanas, levando vantagem econômica e cultural sobre os antigos comerciantes; não apenas introduziram atividades comerciais, mas também pequenas indústrias, especialmente tecelagem, móveis e alimentos.

Quanto ao quadro construtivo que a Rua José Bonifácio e a cidade abrigavam; aquele formado de armazéns, depósitos, bazares, lojas, pequenas fábricas, sobrados, fábricas de bebidas, hotéis, pensões e hospedarias. Definidos no capítulo anterior, alguns seriam favorecidos e outros prejudicados, ou deixariam de existir ou mudariam suas atividades, visando se adaptar à

nova realidade econômica. Logicamente, muitos dos depósitos e armazéns que tinham o café como produto principal de sua atividade comercial desapareceram, outros mudaram ou diversificaram suas atividades com produtos como o algodão, o fumo, os cereais, a manteiga e os produtos que vinham de Goiás. Apesar desta perda da força do café, alguns armazéns ainda continuavam a vendê-lo.

3.1 As construções tornam-se o meio de sobrevivência

O comércio que, neste período, havia se tornado a principal atividade da cidade e especialmente da Rua José Bonifácio, sentiu a crise de três formas: a) primeiro com a paralisação das atividades; b) a necessidade de sobreviver obriga os comerciantes a procurar novos caminhos; c) ocorre a acomodação nos edifícios das atividades implantadas, após estes dois momentos anteriores.

O medo e o descrédito fizeram com que, num primeiro instante, os comerciantes fechassem suas portas, até que o nervosismo e distúrbios ocasionados por este momento econômico diminuíssem, esta paralisação se estenderia por alguns meses (CIONE, 1992). Quando os recursos desapareceram e a incerteza aumentou, a necessidade de sobreviver direcionou o proprietário para utilizar o único e maior bem que lhe restara, as construções, e eles passaram a usá-las de todas as formas e de acordo com as exigências que o novo mercado impunha. Este segundo fator determinou a descaracterização interior e exterior de vários edifícios, em especial dos antigos armazéns, utilizados para estocar o café, e dos hotéis de luxo. Na verdade, todos os prédios foram sendo utilizados de formas diferentes em relação à função original para os quais haviam sido projetados, sobrados viraram pensões,

armazéns lojas, este segundo momento se estenderia pelas duas décadas vindouras.

Esta segunda fase determina ou um aspecto urbano construtivo totalmente diferente da época vivida anteriormente pela vila e pela cidade, e o seu final determina ou uma acomodação de um novo espaço urbano, que é o último período desta fase chamada de crise, que na verdade demonstrará por meio do uso das construções do período anterior, resultado de reformas e demolições, e do aparecimento de novos estilos, as mudanças sociais, econômicas e políticas ocasionadas pelo novo momento econômico de Ribeirão Preto.

O maior interesse recaiu, durante este período, nesta segunda fase, onde a necessidade de absorver o impacto gerado pela crise econômica levou à utilização dos edifícios explorando o máximo suas potencialidades, ocasionando uma alteração no espaço construído e no quadro urbano. Como dissemos, as construções não sofreram nenhuma alteração significativa nos primeiros meses de crise, período de reorganização econômica, política e administrativa da cidade, porém, aos poucos, os próprios comerciantes foram percebendo que a atividade, que eles haviam trabalhado por décadas, era a que poderia estabelecer uma nova direção econômica para a cidade. Desta forma, a atividade comercial foi a ferramenta que possibilitou a superação da crise. Também podiam contar com as antigas atividades industriais.

Estes dois fatores possibilitaram vagarosamente a reestruturação econômica da cidade. Logicamente, muitos comerciantes haviam acumulado lucros durante os anos de bons negócios, outros não tiveram a mesma sorte. Os comerciantes que lucraram nos tempos de auge do café investiram muito do seu capital na compra de imóveis, tanto na rua, como pela cidade, aproveitando a baixa de preços, em especial dos armazéns desativados. Compravam estes armazéns e os alugavam para as pessoas que chegavam à cidade e

que pretendiam se estabelecer com alguma atividade comercial, estes novos personagens urbanos, na maioria, imigrantes.

Este fator propiciou a alteração daquele quadro comercial, onde as lojas e bazares, anteriormente para a venda de produtos franceses, alterassem seu comércio para a venda de gêneros de primeira necessidade, principalmente alimentos e materiais de uso pessoal.

Como notamos, ocorreu uma alteração econômica e social, no qual o comércio de alimentos, do imigrante italiano e alemão, substituiu os antigos comerciantes não que estes deixaram de existir, mas, aos poucos, os antigos armazéns de produtos mais requintados, como tecidos finos e objetos de luxo, perderam espaço para os de maior necessidade, como a carne, o pão, a manteiga, a farinha e outros de uso cotidiano, que fazem parte da alimentação da população urbana que não dispõe de recursos e espaço para produzir este tipo de produto.

As novas necessidades urbanas tinham naquele tipo de comércio pouco interesse, assim, este comerciante não teve alternativa a não ser manter a atividade comercial na parte térrea da construção e utilizar a parte superior como tipo de hospedaria ou pequeno hotel, com a finalidade de lucrar perante a crescente necessidade de morar, imposta pela migração das famílias desempregadas do campo. Inicialmente, dividiram-se estes cômodos do andar superior entre sua própria família e os hóspedes, mas rapidamente se viu obrigado a retirar sua família para locais mais periféricos da cidade, mantendo apenas a função de hospedaria nos pavimentos superiores da construção, esta atitude demonstrou como as construções foram utilizadas visando acomodar as necessidades e se tornaram o meio de sobrevivência de seus proprietários.

Outro fator, ocasionado pela atitude de se alugar partes da construção com

a finalidade de suprir a procura de habitação pelos imigrantes, resultou na expulsão final de moradores tradicionais das ruas centrais da cidade para outros locais, acarretando a formação de novos bairros e crescimento dos antigos. A tônica era de que qualquer cômodo do edifício podia ser uma casa, podia abrigar uma família (SANTOS, 1988). Dentro deste tipo de utilização das construções da Rua José Bonifácio, os antigos hotéis, pensões e hospedarias foram a solução encontrada nos primeiros anos para suprir esta falta de oferta habitacional, frente à grande procura, pela crescente população que vinha para a cidade, que tinha o sonho de melhorar de vida, trabalhando no comércio e na indústria.

Com a crise do café, os viajantes deixaram de vir para a cidade, afinal, fazer o quê em Ribeirão Preto? O Eldorado havia terminado.

Os hotéis, pensões e hospedarias da cidade, especialmente da Rua José Bonifácio, foram prejudicados. A realidade exigia sobreviver, e estes estabelecimentos encontraram nesta população migrante do campo para a cidade o meio de suprir os prejuízos, alugando os quartos para estas famílias, quartos que já estavam vazios há vários meses. Aquelas pensões e hospedarias ficaram superlotadas, com várias famílias, às vezes, ocupando um único cômodo. Os hotéis, como o Guapé, passaram a alugar os seus quartos da mesma forma que as pensões e hospedarias, o que acarretou, com o tempo, a descaracterização daquele luxo e fama de requinte que a Rua José Bonifácio ostentou durante as primeiras décadas do século XX. Aos poucos, estas construções foram sendo depredadas e sua má conservação resultou no estado atual de abandono, chegando ao caso do Guapé, na sua demolição.

Com a crise, os antigos salões destes hotéis, que serviam de recepção e restaurante, situados na parte térrea da construção, tornaram-se comércios

separados do hotel (como lojas), demonstrando que todo o espaço construído tinha que ser utilizado. O espaço da Rua José Bonifácio tornou-se altamente utilizado, aquele passeio tranquilo, de mãos dadas, que vimos nas fotografias de 1920, foram substituídos pela agitação da grande população, na maioria de operários e suas famílias, pelo crescente número de fábricas que surgiam substituindo os armazéns, na verdade, ocorreu uma troca de função utilizando a mesma construção.

Tempos difíceis, onde um elemento sobressaiu, formou-se como comerciante, tornando-se ainda mais bem sucedido que o anterior abriu pequenas fábricas, constituindo-se novos grupos econômicos na cidade. Na maioria dos casos, este novo elemento era o imigrante, aproveitando a situação da crise, momento oportuno, pois trouxera de seu país de origem recursos ou adquirira reservas de capital durante os anos de trabalho na lavoura do café, que agora podiam ser utilizados e que determinaram sua ascensão econômica. Estabeleceu-se nas construções existentes, propondo novos ramos de atividades, normalmente direcionados para servir à crescente população urbana e gradativamente, recuperou e reafirmou a antiga vocação da cidade, o comércio prestador de serviços.

Novamente, as construções da Rua José Bonifácio, como um retorno ao passado, servem aos propósitos dos mais variados, e voltam a representar o patrimônio e as conquistas dos novos senhores da economia. Este velho tipo de atitude ocasionou o desaparecimento de muitos prédios e muitas mutilações nas edificações construídas entre 1889 a 1929, mas algumas foram conservadas pelos antigos comerciantes que sobreviveram à crise. Apareceram novas características construtivas, um estilo para representar o novo momento econômico e social da cidade. Como as construções da Rua José

Bonifácio serviram como representante da força deste novo elemento urbano é o que veremos a seguir.

3.2 A força dos imigrantes

Historicamente, a imigração desempenhou vários papéis, entre eles, a substituição da mão de obra escrava, claro que estas questões são amplamente polêmicas e envolvem inúmeras considerações para cada região do Brasil. No caso desta pesquisa, que tem a Cidade de Ribeirão Preto como universo, a imigração envolve dois aspectos importantes, um inicial, por volta de 1885 até 1929, e um posterior, após 1930.

O imigrante, principalmente o italiano, trazia além do recurso econômico para comprar e abrir seu negócio, um conhecimento comercial, uma atividade profissional, o que lhe valia como instrumento de superioridade na concorrência com os antigos comerciantes mineiros.

Também se estabeleceram nesta época, um número considerável de imigrantes de procedência alemã, onde um dos resultados foram as fábricas de cervejas e refrigerantes. Os alemães, neste período, tradicionais no comércio de materiais de construção e ferramentas, abriram várias lojas deste tipo na cidade e na Rua José Bonifácio.

Outro ponto comercial disputado a peso de ouro pelos imigrantes, no início do século XX, foi o Mercado Municipal. Construído por um italiano, tinha uma de suas laterais voltada para a Rua José Bonifácio. No interior do mercado eram encontrados todos os tipos de comércio, em especial a venda

de alimentos, como carnes, animais, peixes, verduras e frutas, além de uma infinidade de objetos e uma variedade de utensílios para o lar.

Todos estes comércios, na maioria de imigrantes, tinham, neste primeiro período, uma relação muito grande com a produção cafeeira e dividiam o espaço da Rua José Bonifácio com os antigos comerciantes de origem mineira e com os depósitos de café. A estrada de ferro foi o elemento que possibilitou a maior afluência de imigrantes para a cidade, atraídos pelas propagandas. A maioria como havíamos comentado, foi trabalhar na lavoura e, a minoria no comércio. Esta minoria dispunha de um pequeno capital para abrir seus negócios e muitos possuíam algum conhecimento profissional, eram alfaiates, relojoeiros, sapateiros, artesãos, construtores, farmacêuticos.

Quando determinamos que a imigração na cidade de Ribeirão Preto teve dois períodos, observamos que a Rua José Bonifácio e suas imediações, apesar desta divisão, era as mais procuradas para o estabelecimento das atividades comerciais. O fator mais importante referente aos imigrantes do primeiro período é o de terem acumulado capital, direcionando seu comércio para a crescente população da cidade diferente dos antigos comerciantes, de origem mineira, e outros que tiveram as atividades voltadas exclusivamente para o café.

O segundo período de imigração, após a crise de 1929, envolveu dois aspectos e dois tipos de migrantes: a) trabalhadores do campo, vindos para a cidade, procurando sobreviver frente à crise econômica, às vezes, estabelecendo-se como pequenos comerciantes ou desenvolvendo alguma atividade artesanal. A grande maioria transformou-se em operários; b) como o processo de imigração continuava, devido em grande parte aos conflitos na Europa, chegavam novos imigrantes, com a intenção de se estabelecer não apenas como comerciantes, mas de se tornarem pequenos industriais,

para isto, aproveitavam-se de seu conhecimento cultural e dos recursos que traziam de suas terras natais.

Devido ao baixo preço das construções e ao total abandono dos depósitos, em face da desestruturação econômica, os novos imigrantes compraram a maioria das construções da cidade e da Rua José Bonifácio, e ali estabeleceram pequenas fábricas, sempre direcionadas para a produção de gêneros de primeira necessidade. Foi neste período, após a crise de 1929, que a cidade pôde sentir a força dos imigrantes

Notamos que os acontecimentos econômicos e os imigrantes determinaram a alteração do aspecto urbano construído, e estas construções refletiam os outros rumos e o comportamento social de uma nova fase, que tinha a cidade como espaço principal e os imigrantes como personagens fundamentais, além da rua como palco e as construções como cenário e instrumento que possibilitavam o viver e sobreviver das pessoas. Estas novas construções estariam direcionadas para atender um novo momento econômico e social diferente, sendo que as antigas construções da rua não poderiam demonstrar esta “nova” cidade. Os imigrantes, dentro deste aspecto, tiveram a iniciativa de reformular, arquitetonicamente, os edifícios da Rua José Bonifácio. Aqueles com menos recursos, que não podiam executar uma transformação como a feita no prédio do Banco Construtor, apropriaram-se das ideias e reformaram as construções antigas, acrescentado elementos deste novo estilo, conhecido como *Art Déco* .

Uma das atividades comerciais que se apropriou desta nova arquitetura foi a venda e assistência dos veículos automotores (automóveis e caminhões). Esta nova atividade influenciou todo o conjunto urbano, tanto no que se refere à arquitetura dos edifícios, quanto ao aparecimento de novos comércios ligados ao automóvel, como a do exemplo da propaganda do Jornal Diário da

Manhã de 01 de setembro de 1933, p. 2, “Álcool Motor Cruzeiro do Sul, Rua José Bonifácio 76B tel. 909”.

Os imigrantes também estiveram presentes em outras atividades desenvolvidas na cidade, como as verificadas na Rua José Bonifácio, nas propagandas dos Jornais como a do Diário da Manhã, de 21 de dezembro de 1933: “Casa Spanó, Armas e Munições, no número 60”, e outra no Jornal A Tarde, de 08 de janeiro de 1935: “Organização de vendas B. Giannoni – técnico com 15 anos de prática. Rua José Bonifácio, caixa postal 3770 tel. -2-1584, sala 1, máquinas registradoras, oficina com hábeis mecânicos, a dinheiro ou a prestações” .

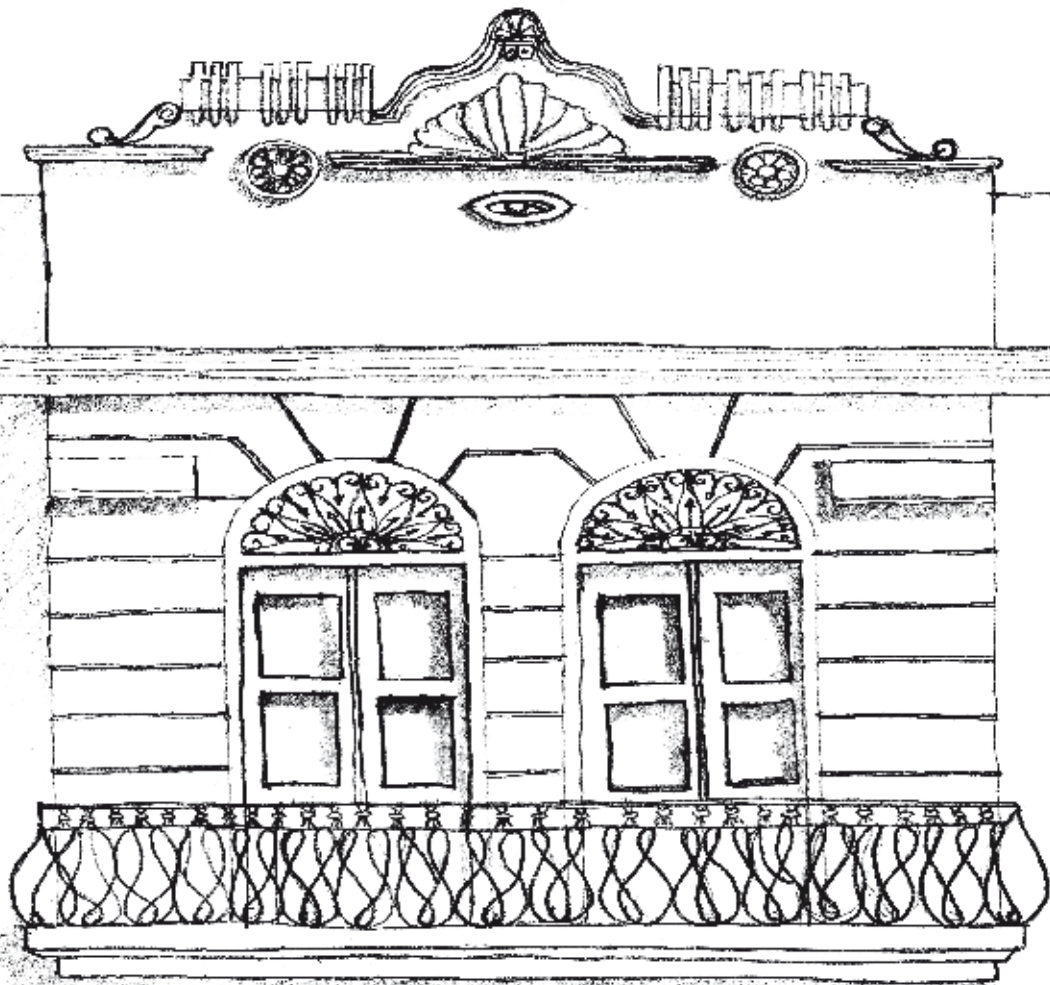
Todas essas propagandas respondem a algumas questões levantadas anteriormente, como por exemplo, a que durante as duas décadas posteriores à crise surgiram inúmeros comércios na Rua José Bonifácio, e estes comércios eram de propriedade de imigrantes que eram comerciantes experientes e conhecedores de alguma atividade profissional como: Selaria e correiaria Carlotti ou Alfaiataria de José Reiter. Esta profusão de comércios também mostra a subdivisão de muitos armazéns em várias lojas. Vejamos alguns endereços das propagandas anteriores: Rua José Bonifácio 76B, ou Rua José Bonifácio sala 1. Também notamos o aparecimento dos pequenos industriais que dominaram e influenciaram a nova fase econômica da cidade como, o Armazém Matarazzo.

Estas transformações foram ao encontro aos novos pensamentos econômicos, alicerçados na produção urbana, entre elas, concebeu-se um novo estilo arquitetônico que refletiu o momento, o *Art Déco*. Na Cidade de Ribeirão Preto este estilo não foi empregado por completo, apesar de todo o apoio popular para isso. Esta alteração construtiva neste período esbarra num principal obstáculo, a falta de dinheiro, a crise. Poucos eram os comer-

Detalhe do frontão
da fábrica Matarazzo.
Abaixo a fábrica.
Fotos do acervo do
pesquisador
Henrique Vichnewsk

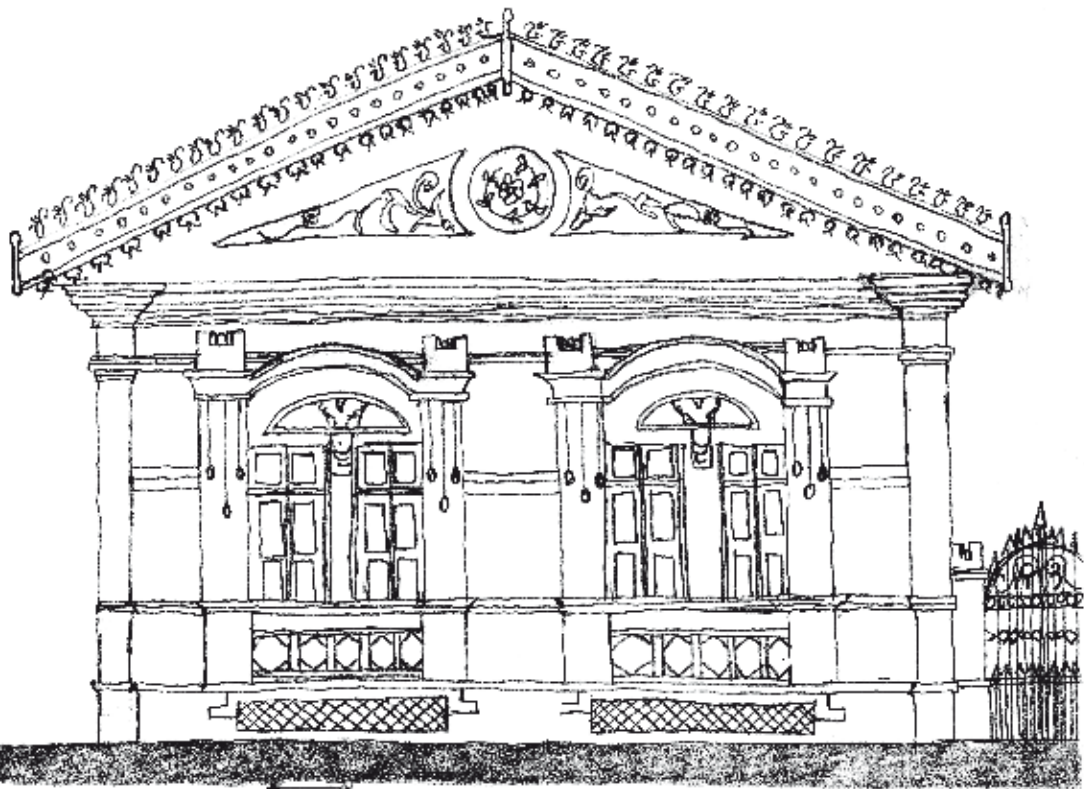


Construção da metade da década de 1920. O estilo eclético foi empregado na rua, com várias soluções ornamentais, recebendo decoração *art nouveau*. Ilustração do autor.



ciantes que podiam realizar novas construções, assim, o que mais se promoveu na cidade foram reformas. Deste modo, surge na Rua José Bonifácio uma quantidade enorme de representações construtivas, envolvendo basicamente três estilos: o ecletismo, o *art nouveau* e o *art déco*, afinal, se a intenção era sobreviver à crise, por que não agradar a todos os gostos e a todos os fregueses?

Na verdade o *art déco* passou a ser mais utilizado na cidade a partir de 1935, com a construção de edifícios significativos, como o prédio Diedrichsen. Na Rua José Bonifácio, o quadro construtivo deste período é complexo, misturando representações e estilos do período anterior (1883 a 1930, na qual o *art nouveau* e o ecletismo foram plenamente utilizados, com a nova representação arquitetônica das mudanças sociais e econômicas, o *art déco*, especialmente a partir da década de 30).



APHRP. Antigos processos da Directoria de Obras. Fachada reproduzida por DONIZETI DA SILVA, E.

4. AS MUDANÇAS A RUA JOSÉ BONIFÁCIO DE 1945 A 1964

Quando iniciamos o estudo das construções entre 1945 e 1964 percebemos o momento da história da cidade que ocorreu uma grande mudança no uso dos prédios da rua, não que esta mudança estivesse ligada à demolição de todos os edifícios, é claro que existiram demolições, mas, esta nova utilização estava relacionada às mudanças sociais e à afirmação do comércio terciário como principal atividade econômica, resultando nas alterações dos edifícios em decorrência de reformas nas fachadas e no interior, como soluções práticas, baratas e rápidas. Não devemos esquecer que este processo teve início na fase anterior, onde toda aquela necessidade no uso dos edifícios para sobreviver à crise foi empregada, agora, depois de alguns anos, via-se na cidade e na rua a resposta àquelas soluções empregadas no calor dos acontecimentos, quando a maioria das construções não havia sido respeitada, ou seja, as funções que elas passaram à abrigar não eram aquelas para as quais haviam sido projetadas, e sim uma utilização— estritamente necessária, no qual a exploração do imóvel era a única preocupação dos proprietários.

Este novo período, considerado como de uma estabilização parcial dos acontecimentos, ou melhor, como um momento no qual aquele impacto da crise de 1929 havia sido assimilado, é caracterizado por um fenômeno mundial de mudanças sociais, econômicas e políticas. Trata-se de uma época posterior a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e de uma recente Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde valores ainda estavam sendo pensados e

repensados no Brasil; são os anos finais de Getúlio Vargas e dos Golpes de Estado.

Ao mesmo tempo, estes centros urbanos do interior de São Paulo, como Ribeirão Preto, apesar da assimilação, ainda tinham traumas da crise provocada pela ruptura econômica do café, além do que, estas cidades receberam uma enorme massa populacional. A falta de recursos econômicos fez com que nos centros antigos os prédios populares não fossem demolidos, mas reformados e subdivididos para abrigar novas atividades, visando suprir a falta de oferta frente à procura por construções. Evidente que as mudanças sociais determinaram a aplicação destas reformas e estiveram muito ligadas às transformações mundiais e nacionais, ocasionando a chamada arquitetura modernista.

Ficou evidente pela pesquisa que poucas construções tenham sido feitas no estilo moderno na Rua José Bonifácio, no período compreendido de 1930 a 1960. Ainda podemos encontrar na rua uma grande quantidade de edificações *ecléticas* e *art Déco*, relativas aos períodos do auge e da crise, então, onde estaria o Moderno? Ele só teria exemplos nos bairros periféricos, ou seria aplicado apenas como uma nova solução, ainda não totalmente aceita? Ou a principal influência do moderno, neste período na rua, apenas ocorreu na vida cotidiana e no comportamento do homem? Apesar de o modernismo ter sido alavancado teoricamente na vida daquele momento, a dificuldade econômica e a tradição cultural local ainda não permitiam o emprego de novas soluções arquitetônicas na rua. A resposta a esta dificuldade prática também encontraria respaldo na realidade de que apesar de todas as inovações, como a exemplo do comprar os produtos em série (uma das características marcantes do modernismo), a sociedade ainda estava num estágio de

mudança comportamental e guardava muitas das memórias culturais de outros tempos.

Entendemos que as construções feitas nos estilos anteriores foram mantidas, mas sofreram reformas para atender às novas necessidades econômicas e estas reformas procuraram atender às novas linhas arquitetônicas do estilo moderno. Estas alterações, que já eram promovidas deste a década de 1930, resultaram num quadro urbano de uso da Rua José Bonifácio que tornou a identificação das tipologias das construções difíceis, além de promover o uso inadequado dos espaços construídos, gerando uma decadência e a depreciação do local, bem como de todo o centro antigo da cidade. Se as construções em estilo *art Déco* haviam sido usadas para elevar a moral da população sem esperança, e um modo de promover a classe dominante da economia, o Modernismo repudiou os antigos centros urbanos, mas a população utilizava este antigo centro para comprar os novos produtos, como os eletrodomésticos, automóveis, roupas e uma grande quantidade de objetos vistos nos filmes de Hollywood.

Também usavam as antigas construções, apesar de reformadas, para comprar e vender estes produtos, ou seja, claro que se desejava um novo modo de vida, mas como substituir os modelos tradicionais? Na Europa, as guerras permitiram maior mudança e aplicação dos conceitos do modernismo, mas e no Brasil? Logicamente, seria mais fácil adaptar os novos modelos às antigas construções existentes, claro que num primeiro momento. Até atingir o modernismo a arquitetura no Brasil teve um longo percurso, como o projeto da cidade de Belo Horizonte (1894), Goiânia (1933), o auge em Brasília em 1964 com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e no caso do Urbanismo, na cidade de Palmas em 1989. Com relação a Ribeirão Preto e propriamente a

Rua José Bonifácio ocorreria a desfiguração das antigas construções para a promoção de modelos construtivos mais modernos, como prédios de apartamentos e lojas de departamentos.

Na Rua José Bonifácio não ocorreu o emprego da arquitetura moderna, mas se reformulou o espaço anteriormente construído, com a aplicação de algumas alterações externas e muitas alterações internas nas edificações. Se por um lado este tipo de atitude conservou o patrimônio eclético, por outro lado, a falta de recursos e normas para a realização das reformas contribuiu para a decadência do espaço, inclusive acarretando o aparecimento de atividades inadequadas, como a prostituição e fenômenos mais recentes, como menores infratores, tráfico de drogas, contrabando, e toda uma série de atividades “marginais”, que tem como local e atuação algumas edificações da rua.

São dois os pontos importantes para a compreensão deste período: a) foram executadas reformas em grande parte das antigas construções da rua, tendo como parâmetro normas modernistas, cuja finalidade era a de abrigar o crescente comércio, este fato, contribuiu para a conservação da maior parte das construções do período anterior mesmo após sofrerem estas intervenções; b) apesar desta reutilização dos prédios, ocorre um movimento de repúdio ao uso da área central da cidade, sendo implantadas em novos locais, edificações comerciais e residenciais, na maioria das vezes bem distantes dessa área urbana antiga; este “repúdio” acelera o abandono da Rua José Bonifácio e resulta na falta de investimentos de manutenção das edificações, mesmo das reformadas, que resultaram mais à frente na deterioração física e “moral” dos espaços da rua.

Nas décadas de 40, 50 e 60, a cidade de Ribeirão Preto presenciou grandes

mudanças, como o crescimento comercial e populacional, com o emprego de novos meios de transporte, como o automóvel e ônibus. O crescimento da cidade e a evolução tecnológica condicionaram a implantação de uma grande infraestrutura urbana, como a ampliação da rede de energia elétrica, transportes públicos e abastecimento de água e esgoto, além do aparecimento de grande quantidade de depósitos de materiais de construção, como o da propaganda no Jornal Diário da Manhã de 10 de abril de 1949, onde se lê: “Depósito São João, de Pedro Pegoraro e Cia, materiais para a construção, artigos para pintores, Rua José Bonifácio número 9”.

Como sabemos a cidade havia passado por uma grande crise, foi preciso abraçar uma nova direção, e aos poucos, encontrou-se na indústria e especialmente no comércio terciário o novo alicerce econômico. Estes depósitos que apareceram demonstram a necessidade de materiais de construção e refletem um retorno do crescimento da cidade. Reformas nas construções da rua foram sendo feitas o que estimulou a população a comprar. A cidade atingiu novamente uma estabilidade comercial, surgiram lojas de tecidos e roupas prontas na Rua José Bonifácio e o mais variado tipo de comércio. Todas estas atividades comerciais eram estimuladas pelo cinema, pois os filmes faziam com que as pessoas sonhassem com o modo de vida dos atores, e com a maneira de viver norte-americana.

Isto introduziu um grande ritmo de consumo, que gerou o conhecido “consumo de massa”, e a valorização do comércio da cidade e das lojas da rua, graças às possibilidades financeiras da nova classe urbana, o operariado, e da valorização da mão de obra industrial, através do aumento dos salários. Resultou no crescimento daquelas pequenas indústrias familiares do período anterior. As indústrias da Rua José Bonifácio aumentaram a sua produção e,

conseqüentemente, ocorreu o aumento do número de empregados, determinando um maior acúmulo populacional, especialmente no centro da cidade, e por sua vez, a intensificação do uso dos antigos sobrados, hotéis, pensões, hospedarias e armazéns, sempre com duas principais finalidades, habitacional e comercial.

Sabe-se que este processo se iniciou no período anterior (1930-1945), mas atingiu seu ponto máximo neste período (1945-1960). Este inchaço populacional, com a grande utilização do centro antigo da cidade, seria resolvido gradativamente, com o crescimento dos bairros periféricos e a transferência da população para estes novos locais. Apesar de desafogar o uso do centro, esta questão gerou inúmeros desdobramentos, pois não houve uma preocupação com o passado, com os prédios antigos, que foram considerados como meros objetos a serem substituídos, colaborando para a transformação das edificações da rua em inúmeros cortiços. Podemos notar, por meio de uma propaganda do Jornal Diário da Manhã de 01 de junho de 1948, como a rua começa a ser vista de forma pejorativa: “bar e Restaurante Marabá, Hotel de Luxo, Asseio e Conforto na José Bonifácio número 23”, notemos a preocupação de demonstrar um local onde a limpeza é o ponto principal. As edificações da rua estavam abandonadas a sua própria sorte, onde podiam ser executadas quaisquer atividades, honestas ou não.

Outro componente que determinou a alteração urbana foi o automóvel, que chegou em quantidade, fazendo com que se implantassem novas ruas, avenidas, além da troca da antiga pavimentação, de paralelepípedos para cobertura asfáltica. O transporte outrora realizado pelo trem foi aos poucos sendo substituídos pelo rodoviário, com a abertura e a intensificação do uso das estradas, os produtos industrializados foram os que mais se serviram

desta mudança (CIONE, 1992). A arquitetura dos prédios, na sua grande maioria, sofreu aquela alteração referente às reformas, mantendo em grande parte, o aspecto relativo aos antigos estilos (BORGES, 1983). Todas estas novas situações sociais, ligadas ao desenvolvimento dos mecanismos industriais, eclodiram no Modernismo e na Arquitetura Moderna (BORGES, 1983), que teve na Rua José Bonifácio, no exemplo do novo Mercado Municipal sua maior e melhor representação. A crescente industrialização, aumento populacional e a valorização do trabalho remunerado serviram de base para a implantação destas alterações.

Estas mudanças possibilitaram o acesso a bens de consumo que antes só eram oferecidos às classes abastadas, este fato permitiu ao comércio maior dinamismo e para as lojas da Rua José Bonifácio uma maior movimentação de capitais e aumento do lucro, onde os antigos armazéns foram usados para acomodar as novas lojas, tornando este tipo comercial, a partir da década de 1950, o principal da rua. A alteração das antigas construções recaiu na observação principal da relação da necessária funcionalidade para a acomodação dos novos ritmos e mecanismos do novo comportamento social, que tinha o automóvel e o próprio homem moderno como modelos direcionadores.

Esta nova maneira de pensar (o novo/moderno) ganhou cada vez mais espaço na sociedade, criou-se um desprezo ao passado e suas manifestações, desta forma o Patrimônio Histórico de várias cidades, inclusive Ribeirão Preto, foi sendo degradado. Na Rua José Bonifácio, esta forma de destruição esteve relacionada às mudanças realizadas nas construções para absorver novos e maiores quantidades de comércios. Tecnicamente, chamada de “renovação”, esta condição imposta pela modificação do

modo de vida e do pensar promoveu pontos positivos e negativos, entre os negativos está o desrespeito total ao passado arquitetônico das cidades. A vontade imposta pelo estilo Moderno, que provocou o desrespeito às antigas construções da Rua José Bonifácio, talvez tenha determinado o momento que o meio urbano, em especial o antigo centro da cidade, começa a deteriorar. As antigas fachadas foram, aos poucos, dando lugar a um maior número de anúncios de propagandas, estes anúncios tornaram-se mais importantes que a própria arquitetura (BORGES, 1983). Internamente, as edificações sofreram suas maiores alterações para acomodar maior número de usuários (hotéis, pensões, hospedarias) ou para abrigar em um só prédio várias lojas (BORGES, 1983).

O aparecimento de produtos elétricos, como máquinas de costura, ferros de engomar, maior quantidade de rádios e eletrodomésticos em geral, deu origem às lojas de prestação de serviços, às oficinas de conserto, que alteraram a configuração interna de várias construções e o aspecto externo da rua. No anúncio do Jornal Diário da Manhã de 01 de janeiro de 1950, temos: “Oficina de Eletricidade, Consertos e enrolamentos de transformadores, motores, dynamos, geradores, rádios, etc., Augusto G. Kotzent & Cia aos distintos fregueses e amigos, auguram votos de feliz ano novo, na Rua José Bonifácio número 287.”

A disposição interna dos cômodos do prédio não necessitava ser a mesma, então porque não demolir as paredes e promover novas disposições? Este foi o fator marcante das mudanças sofridas pela arquitetura da rua, que apesar de suportar os novos valores, não pode continuar oferecendo um padrão razoável de serviços, pois a mudança interna (derrubada de paredes) e externa (inclusão de falsas fachadas formadas por letreiros e propagandas) alterou as

edificações, resultando no caos, determinado por moradias inadequadas e novas vocações comerciais implantadas nos antigos prédios projetados para atividades totalmente diferentes.

A supremacia do estilo Moderno gerou na Rua José Bonifácio um amálgama de sua condição histórica, que somada às novas realidades se traduziu numa configuração espacial construtiva onde as propagandas dos letreiros que cobrem as fachadas tornaram-se para a maioria das pessoas, mais importantes do que a história e a tradição das antigas edificações. O crescimento urbano, por outro lado, trouxe para o centro da cidade, uma condição de gerador de empregos e dinheiro, possibilitando a recuperação da cidade dentro deste ponto positivo, apenas não havia se formada ainda uma mentalidade de preservação do Patrimônio Histórico do período eclético e que, na verdade, apenas surgiria posteriormente, com uma contra reação ao moderno.

A família moderna deveria possuir um automóvel, um rádio, aparelhos elétricos e estar vestida de acordo com os padrões da época, por sinal totalmente norte-americano. O passado foi esquecido, o presente tornou-se mais importante e o desenvolvimento estava à frente de quaisquer análises, apesar das pessoas ainda morarem e trabalharem em construções que em pouco tempo representavam a história urbana de um outro período e a vida de pessoas de outras épocas, no entanto, neste momento não despertavam e nem tinham a menor importância social, cultural ou histórica. A transformação das formas provocadas pela estética da máquina e a esbelteza proporcionada pelos novos materiais (baquelita) seduziam e, ao mesmo tempo, impressionavam, enquanto os velhos ornamentos das antigas edificações eram acusados de ultrapassados. Vários problemas foram se acumulando no decorrer

dos anos, como o lixo e a falta de higiene provocados por comércios alimentícios, como os do Mercado Municipal, a falta de policiamento frente à crescente população local, tudo isso converteu a Rua José Bonifácio num ambiente muito distante daqueles tempos brilhantes do auge do café e infelizmente mais tristes do que aquele período do sobreviver à crise.

A rua passou a ser conhecida como “Baixada”, como a “Boca do Lixo”, onde a presença de marginais e da prostituição se tornaram comuns, mas apesar dos inúmeros problemas, o comércio variado e numeroso possibilitava o acesso à maior parte da população, tornando-se um local de passagem obrigatória para todos os moradores de vários bairros periféricos, e para esta pesquisa o universo ideal, onde se encontram, ainda nos dias atuais, o maior conjunto histórico arquitetônico construído na cidade de Ribeirão Preto. Como percebemos, as mudanças ocorridas neste período foram grandes na área social e refletiram na alteração das antigas construções e especialmente na sua utilização, demonstrando entre outras questões, que os fatos ocorridos na Europa no início do século XX e no Brasil em 1922 (Semana de Arte Moderna), só seriam colocados em prática construtivamente, na Rua José Bonifácio, a partir de 1945.

Estas mudanças construtivas resultariam no uso do espaço de uma forma econômica, onde a reforma interna e a utilização de propagandas escondiam ou fantasiariam as antigas edificações dos períodos anteriores, mas não ocasionariam nenhuma preocupação para a população, ao contrário, seriam plenamente apoiadas, pois o que valia era o como adaptar as novas ideias com o que se dispunha. Para que possamos compreender esse fato, estudaremos, a seguir, como o desenvolvimento urbano provocou transformações arquitetônicas na rua.

4.1 Desenvolvimento e transformações arquitetônicas

Quando se fala em desenvolvimento, logo nos vem a ideia de crescimento, e no caso da Rua José Bonifácio, foi o do comércio. E quanto às implicações com relação ao espaço arquitetônico? Pois se o crescimento desse comércio utilizou plenamente como ferramenta os prédios da rua, evidente que eles tiveram que ser transformados para abrigar o aumento e o aparecimento de novas atividades. Estas atividades não tiveram apenas o elemento econômico como mecanismo, o novo quadro social, formado pela classe operária e toda uma variedade de novas funções urbanas intervieram nesse desenvolvimento. O momento político, também influenciou nas ações cotidianas e nas construções que as abrigaram.

O comércio e a indústria já tinham dado mostras de que seriam as principais atividades na rua, mesmo em períodos anteriores já havia estes indicativos; podemos observar uma gradual transformação social/econômica com as construções passando a abrigar estas atividades até o momento onde a importância dos produtos industriais na vida cotidiana e na necessidade diária tornou-se primordial. Este desenvolvimento pode ser visto por dois ângulos. Primeiro, ele gerou riquezas, propiciando o aparecimento e o desenvolvimento de novos bairros, implantando uma maneira diferente de comportamento, advindo do trabalho operário remunerado, o que possibilitou a compra de produtos que geraram maior conforto. Segundo, na área central da cidade, as construções não conseguiram acompanhar estas mudanças, especialmente na parte mais antiga, no atual centro histórico (área histórica urbana), pois não existia predisposição para equacionar e resolver os proble-

mas do como usar as antigas edificações respeitando a arquitetura anterior, o que causou uma desarticulação entre o indivíduo usuário e morador com o espaço construído. Este indivíduo tentou se adaptar utilizando o artifício da reforma, para suprir a falta de espaço e a aparência inadequada oferecida pela antiga construção.

Na Rua José Bonifácio esta questão tornou-se clara quando os proprietários dos imóveis começaram a subdividir os antigos armazéns para abrigar a crescente abertura de novos comércios e de fábricas. Este período foi o que mais se pode ver nos jornais, propagandas comerciais da rua e por intermédio do estudo destas propagandas a possibilidade de analisar o tipo de comércio e as construções que foram utilizadas para abrigá-los. Estudando estas propagandas, definiram-se alguns tipos de transformações/mudanças em virtude do desenvolvimento alcançado nesta época.

Um comércio que ainda sobrevivia da produção rural e havia se recuperado, ainda explorando o café, mas principalmente outros produtos, como os cereais. Tinham nos armazéns as construções ideais para a atividade e a proximidade do Mercado Municipal seu grande aliado. A propaganda do Jornal Diário da Manhã de 01 de junho de 1948: “Faez Migue Jacob & Irmãos compradores de cereais por atacado, escritório e armazém, Rua José Bonifácio 32, tel. 258”, demonstra que este tipo de atividade persistiu na rua e nos antigos prédios, anteriormente destinados apenas ao comércio do café.

O comércio dedicado à venda de produtos dos mais variados e que tinham nas construções que serviram aos empórios e sobrados, o local ideal para serem implantados, entre estes novos produtos, os eletrodomésticos e objetos que simbolizavam o comportamento da época, como os rádios e instrumentos musicais, como o acordeon (sanfona) e o tradicional violão. Vejamos

um exemplo na propaganda do Jornal Diário da Manhã de 20 de maio de 1948:

Aprenda a tocar, o instrumento da moda, os melhores e mais modernos, de fabricação italiana CR\$ 2.000,00, para homens, senhoras e crianças, aceitamos trocas de quaisquer instrumentos, temos professores para lecionar, Violões Del Vecchio (Antônio Vallada & Filhos), José Bonifácio 62.

Surgiram também novas fábricas, que tinham nos armazéns e empórios o espaço perfeito para desenvolverem suas atividades, como a de bebidas (refrigerantes), como a Coca-Cola, com a propaganda no Jornal A Tarde de 22 de outubro de 1948: “Em Ribeirão Preto Coca-Cola é fabricado pelo refrescos Ipiranga Ltda. Na Avenida Francisco Junqueira com José Bonifácio”. E outras fábricas que tinham uma variedade de produtos como o açúcar, percebemos isso na propaganda no Jornal Diário da Manhã de 03 de abril de 1949:

Obedecendo aos mais rigorosos preceitos higiênicos a um novo processo de embalagem o açúcar e café Ipiranga encontram franca aceitação no mercado citadino e estadual, fundado em 1942. José C. Lobato, Moderna maquinaria, frota de caminhões, prédio próprio, Rua José Bonifácio com Francisco Junqueira.

Observamos na propaganda “C” os itens, Moderna maquinaria, frota de caminhões, prédio próprio, estes itens justificam as hipóteses levantadas anteriormente, que são: desenvolvimento tecnológico (máquinas modernas), troca do transporte ferroviário pelo rodoviário (frota de caminhões) e a importância do imóvel urbano para a nova sociedade (prédio próprio). Ainda no item “C”, outras pequenas fábricas surgiram utilizando os

prédios antigos, como descritas no Jornal A tarde de 04 de novembro de 1950: “Marcenaria moderna, na Rua José Bonifácio 675 em frente ao Mercado. Adquiram Móveis da marcenaria Moderna. Móveis para todos os preços”. Novamente encontramos a palavra “Moderna” definindo o novo comportamento social. E outra propaganda dentro deste quadro, do Jornal Diário da Manhã de 19 de outubro de 1952: “Fábrica de Bolas Adónis, Rua José Bonifácio 372 fone 140, procure conhecer novo modelo, para todas as modalidades, facilitamos pagamentos para clubes”. E também fábricas de metalurgia, atualmente raras em Ribeirão Preto, “M. Dedini S/A Metalurgia”, No Jornal Diário da Manhã de 01 de janeiro de 1958: “Continuando no mesmo ramo com maiores ampliações e permanecendo a mesma direção nesta filial espera a sucessora ser distinguida com a mesma preferência de seus clientes e amigos que procurara sempre corresponder. Rua José Bonifácio 326”.

Na última propaganda analisamos que se define a resposta à hipótese de subdivisão e alteração dos antigos prédios, devido às mudanças e ao desenvolvimento, na frase: “no mesmo ramo, mas com maiores ampliações”, ou seja, o antigo prédio foi modificado para atender o crescimento.

Outro tipo de comércio na rua foi o de barracas na área onde havia sido o primeiro Mercado Municipal (destruído por um incêndio). Estas barracas ali permaneceram, até a construção do Novo Mercado Municipal, no mesmo local do primeiro, em 1958, como podemos verificar na propaganda do Jornal Diário da Manhã de 15 de abril de 1949:

[...] secos e Molhados, pães e massas alimentícias, Pela & Labate, mercado Municipal, Barraca 53 e 54”. Também pela propaganda de 10 de abril de 1949

no mesmo Jornal: “Mortadela, salame, lingüiça, presunto, salsichas, Romulo Morandi & Cia Ltda. Depósito de vendas no Mercado Municipal, barraca 26.

Notamos nas propagandas como o comércio diversificou-se, acarretando a transformação arquitetônica da maioria das construções, contudo, o principal alvo destas mudanças foram os armazéns e empórios, em virtude destas edificações facilitarem a implantação de novas atividades.

As mudanças ocorridas para sobreviver economicamente tornaram-se ainda mais expressivas do que no período anterior. Com relação ao interior das residências, que neste período é caracterizado, na maioria, pelos pavimentos superiores dos sobrados, observamos que são poucas as modificações, apenas se usa o espaço dos quartos para abrigar maior quantidade de pessoas, demonstrando que o local foi tomado pelo uso inadequado, acarretando, gradativamente uma péssima fama e a utilização por algumas pessoas com atividades consideradas na época como “marginais”, como a prostituição.

Quanto ao espaço dos prédios usados pelos comerciantes, que num passado recente tinham acumulado riquezas, que possuíam os sobrados como representações de suas conquistas, neste período recorrem à subdivisão do pavimento inferior (térreo) para acomodar maior número de atividades. Estes comerciantes e suas famílias sofreram, nesta época, um processo de “expulsão” de suas residências, passando a residir nos novos bairros que surgiram na periferia da cidade, o que levou a Rua José Bonifácio a uma situação de abandono de uso residencial. As antigas construções passaram a ser vistas apenas como ferramentas, das quais se tirava o máximo proveito. E como o passado não interessava mais, por que não usá-las de todas as

formas possíveis, alugando, reformando ou subdividindo?

Uma das maiores alterações na rua está relacionada com o aumento do número de comércios, com a subdivisão dos antigos armazéns para acomodar um número crescente de atividades; deste fato decorre o aparecimento da aplicação cada vez maior de propagandas e letreiros decorrentes da necessidade destes comerciantes a divulgarem seus negócios. Desta forma, cobriam-se as platibandas destes antigos armazéns, o que, além de impedir o reconhecimento da tipologia da edificação, ainda escondia suas ornamentações e a possibilidade de reconhecimento do seu estilo. A fachada de cada pequeno comércio passa a ser utilizada para mostrar o produto e diferenciarse da loja ao lado. Esta atitude levou ao aparecimento das lojas que colocaram objetos de venda pendurados nas paredes externas da fachada, constituindo-se em verdadeiras arquiteturas de objetos, passando a ser chamadas por alguns de “Arquitetura de Panelas e Sombrinhas”.

Notemos a tentativa de se esconder o passado das construções, com placas cobrindo as platibandas das edificações e como os objetos que estão à venda tornaram-se mais importantes que as construções, ocupando a rua, criando um aspecto de espacialidade de fachadas falsas; esta alteração das construções iniciou-se no período em estudo, mas atingiu seu ápice na época atual.

Se a maioria das construções estava sendo reutilizada, onde estaria o estilo Moderno? Estaria apenas descaracterizando as antigas construções para acomodar novas necessidades econômicas e sociais? Seu verdadeiro papel na Rua José Bonifácio seria a transformação do pensamento e modo de agir da sociedade? Mas, então, como este novo pensamento, além das transformações impostas nos antigos edifícios, não teria provocado o aparecimento de novos tipos de construção na rua? Então o Moderno teria sido apenas, na

Rua José Bonifácio, neste período, o colocar uma fantasia cenográfica sobre a platibanda das construções antigas, como uma nova roupa vestindo um antigo corpo considerado velho e ultrapassado? Ou existiram representações construtivas plenamente modernistas? Todas estas perguntas, responderemos a seguir, com a análise do que ocorreu na Rua José Bonifácio em face de conceitos modernistas e a interessante afirmação do “repúdio” aos “velhos” prédios.

4.2 Estilo Moderno (o repúdio aos velhos prédios)



Prédio no qual funcionava a atividade descrita. Sindicado dos Gráficos de Ribeirão Preto. Jornais A Tarde e Diário da manhã. Material pesquisado no Clube dos Gráficos de Ribeirão Preto no ano de 1996. Arquivo do autor.

Identificamos neste período características construtivas básicas, que formaram o que se afirma de “repúdio” aos “velhos” prédios. Realmente, a maioria das construções passou por um processo de reutilização (reformas), cujo processo teve na subdivisão interna sua maior característica, com a retirada ou colocação de paredes, visando acomodar diversas atividades, que eram pequenos comércios ou novas fábricas. As fachadas desses edifícios foram alteradas, ou cobertas por placas de propagandas ou demolidas e as platibandas aumentadas para esconder os antigos telhados. A propaganda (Placas de informações sobre as platibandas) passou a ser largamente usada, não apenas letreiros, como também os objetos vendidos passaram a se colocados na frente dos prédios, alterando a composição espacial externa da construção e da rua.

As famílias antigas começaram a ser “expulsas” do local e os hotéis, pensões e hospedarias transformaram-se em cortiços, devido à falta de estrutura e ao uso explorador sem a manutenção, que tinha o aluguel para grande número de pessoas sua maior característica, fato que culminou com a péssima reputação adquirida pela rua. Ocorreram reformas, alterando o aspecto da construção, do antigo estilo, na maioria eclético passa-se ao novo estilo (moderno); além dessas reformas, ocorreram algumas construções verdadeiramente modernistas.

Todos estes fatores possibilitaram compreender porque a maioria das construções sofreu um “repúdio” por parte da população, e ao mesmo tempo perceber que, apesar da vontade de executar mudanças sociais, tanto a dificuldade econômica quanto a resistência aos costumes tradicionais ainda permaneciam. A mudança era necessária, mas poucos proprietários se dispunham a executá-la e mesmo o conjunto construído anteriormente impunha dificuldades à introdução deste novo estilo, dificuldades estas vinculadas aos fatores econômicos; era mais fácil reformar e alugar do que construir um novo prédio, ainda ligados à tradição simbólica que os antigos edifícios representavam. Os proprietários

viam-se entre a vontade de mudar e a necessidade de permanecerem como estavam.

A resposta foi “vestir” as antigas construções com soluções mais próximas dos novos costumes e usos, ou seja, a moda. Este artifício havia sido usado com relação ao estilo *art Déco*, os donos dos imóveis julgavam ser mais viável alterar as fachadas e o interior dos edifícios ao invés de demolir e executar novos prédios. Outra questão mostrava-se presente nessa impossibilidade de fazer novos prédios, eram os processos judiciais, feitos especialmente no período anterior, como: doações, espólios, disputas entre herdeiros, e usufrutos. Esta última questão acarretou ou determinou outra variável, que teria ocasionado a conservação de muitas edificações na Rua José Bonifácio, impedindo a venda para outras pessoas, o que, além de garantir uma tradição de propriedade à gerações de determinadas famílias, impediu a demolição dos prédios.

Por outro lado, a transformação das construções referentes ao que denominamos de reformas sutis, foi o que mais imperou, tanto como solução econômica, quanto judicial. Dentro desse aspecto, tivemos na rua três exemplos distintos, assim determinados:

a) Construções de uma mescla *art Déco* com o estilo moderno, dentro de uma característica que poderíamos chamar de transição ou propriamente mudança (proto-moderna). A fachada mostra a simetria geométrica, característica da tipologia do estilo *art Déco*, mas internamente, verificamos aspectos da funcionalidade e da disposição repensada de acordo com as novas necessidades do homem moderno, tipo apartamento.

b) Construções populares, também de transição, mas que, apesar de possuírem formas *art Déco* na fachada, apresentaram maior quantidade de materiais modernistas, como os grandes vitraux basculantes de ferro. Estes edifícios, também conservaram a tipologia moradia trabalho, como os antigos sobrados

da rua. Com o passar dos anos, estas edificações passaram a abrigar atividades de profissionais liberais, como dentistas, barbeiros, advogados, escritórios de contabilidade e etc.

Outra hipótese poderia ser levantada com relação ao exemplo anterior, observamos que a tipologia construtiva assemelhava-se em muito aos antigos armazéns e depósitos de produtos rurais, o que não descarta a possibilidade deste prédio ter sido totalmente reformado, especialmente na sua parte superior, sendo “vestido” com as características do estilo modernista.

c) Construções plenamente modernas, como o Novo Mercado Municipal. O edifício, com grande quantidade de vidros, pastilhas e vigas aparentes de concreto armado, em forma elíptica, constituindo os materiais que formam o modelo básico da arquitetura moderna. Causou, na época de sua construção, grande sensação e euforia, toda a população correu para comprar no Novo Mercado, sendo esta uma das principais características da arquitetura moderna, a funcionalidade no servir o homem da cidade. O Mercado também impôs dificuldades construtivas, relativas à falta de mão de obra e carência de materiais. No caso do Mercado Municipal a construção foi decorrente de uma exigência, além de social, trabalhista e principalmente higiênica. O Mercado substituiu aquelas barracas, vistas no tópico anterior, e este fato já consistiu por si uma mudança espacial de uso e aparência da Rua José Bonifácio.

Quanto aos três aspectos definidos nos itens a, b e c, podemos identificar os dois primeiros como os mais realizados na maioria das alterações feitas nos prédios da Rua José Bonifácio, possuindo as seguintes características: 1- Têm como grande diferenciador arquitetônico o aparecimento de novas técnicas construtivas aplicadas de todas as formas, tanto estrutural, quanto estética, o que resultou na derrubada de várias paredes internas e na colocação de outras, especialmente nos armazéns para, no primeiro caso, aumentar os espaços internos, e no segundo, para acomodar um grande número de pequenas lojas. 2- As fachadas receberam uma nova resolução decorrente da elaboração de anúncios, as propagandas em forma de letreiros e tapumes, descaracterizando e destruindo a antiga ornamentação das fachadas, também ocorreu a falta de cuidado com a pintura e textura originais da construção e o uso de tintas de cores variadas, com o acréscimo de novos elementos, resultando na dificuldade de reconhecimento do estilo e no empobrecimento tipológico das edificações.

Neste período, começou a aparecer uma falta de cuidado com as construções, pela deficiência de manutenção e excesso de uso. Os prédios parecem “velhos” e deteriorados, o que possibilitou que os proprietários aleguem uma oportuna reforma, com a troca ou retirada das antigas telhas de barro, das portas e janelas e sua substituição por materiais mais modernos. O piso de madeira das antigas construções também passou a ser trocado por cimento e peças cerâmicas mais modernistas. Todas estas alterações materiais influenciariam na transformação das construções e estiveram estreitamente ligadas ao “repúdio” à antiga maneira de construir os espaços, na qual o pensamento social considerava ultrapassado.

Nas construções de mais de um pavimento, como os sobrados, começaram a aparecer as sobrelojas, para acomodar um crescimento da venda de produtos

eletrodomésticos, o que exigia maior número de espaços para as atividades comerciais, seriam as futuras lojas de departamentos e o golpe final na “expulsão” dos moradores da rua para os bairros da periferia.

Nas épocas anteriores a rua e suas construções tinham sido utilizadas como ferramentas para servir, principalmente, à produção do café, neste novo período, eram usadas como instrumentos do comércio e da indústria, onde os novos produtos, como os eletrodomésticos e o automóvel, juntavam-se à mão de obra operária, definindo o quadro urbano. Como a rua aparentemente havia assimilado a crise de 1929, nada mais justo do que modificar o aspecto construtivo para demonstrar a nova fase, onde o moderno e a máquina eram os símbolos maiores. As construções passadas teriam que ser adequadas a esta nova realidade, pois eram protagonistas novamente do viver e sobreviver na cidade.

5. ADAPTAÇÕES

A RUA JOSÉ BONIFÁCIO APÓS 1964

A Cidade de Ribeirão Preto começou a sofrer maior expansão urbana a partir de 1960 e início da década de 1970, quando o crescimento industrial e comercial, aliado à criação de inúmeros cursos universitários, traduziu-se em desenvolvimento e evolução econômica (CIONE, 1992). Com a crise do petróleo no meio da década de 1970, a cidade entrou novamente num processo econômico rural, o da cana-de-açúcar; especialmente visando à produção de álcool combustível (etanol). A cidade reencontrava sua antiga tradição de grande centro produtor agrícola, como no passado cafeeiro, mas agora respaldada por uma economia terciária regional desenvolvida, capaz de atingir patamares lucrativos dentre as primeiras do país.

Este novo encontro da cidade com um produto capaz de restituir a riqueza de outrora, aliado ao crescimento e à expansão urbana, elegeu novos locais de desenvolvimento. A Rua José Bonifácio passou a representar uma época distante na história da cidade e desta forma, o local, cada vez mais, perdeu prestígio como local comercial, sendo que novas atividades passaram a ser implantadas em outros pontos da malha urbana. Apesar desta perda de importância quanto ao local de destaque urbano que ocupou no passado, a rua continuou o seu papel comercial, procurando se adaptar às novas formas e necessidades econômicas que a estrutura social da cidade apresentava, utilizando a mesma ferramenta exaustivamente explorada em todo seu passado, as construções.

Mesmo com a perda gradual de ter sido o local de destaque das atividades, a rua manteve um comércio que se adaptou a um determinado usuário, ou

seja, aos moradores de todos os bairros periféricos; a rua moldou-se a um comércio chamado de mais popular, onde podemos encontrar os mais variados tipos de produtos como: componentes eletrônicos, couro e artefatos para confecção de sapatos, calçados prontos, bolsas, comércios alimentícios, de bicicletas, de roupas e tecidos, brinquedos e utilidades domésticas, remédios, instrumentos musicais, comércio e fábrica de refrigerantes e cervejas, oficinas de assistências técnicas das mais variadas, comércios de rolamentos e ferragens, compra e venda de motocicletas, artigos para caça, pesca e munições, artigos para presentes em geral, bares, hotéis, pensões e hospedarias, armazéns de artigos agrícolas e o mais variado tipo de mercadorias.

Criou-se na cidade até um ditado popular para explicar este novo quadro da rua: “Se você precisa de alguma coisa e não consegue encontrar, vá até a baixada na Rua José Bonifácio”. Qual é a principal característica de todo este novo quadro? É a de que todos estes comércios e atividades ocupam as antigas construções realizadas em todos os períodos anteriormente estudados. O que observamos foi um processo de adaptação de uso da construção para abrigar o comércio proposto e esta adaptação veio acompanhada de alguns fatores como: a) aumento do processo de descaracterização que os edifícios já haviam enfrentado no período anterior; b) aumento do fenômeno social conhecido como “marginalidade”, como a prostituição, menores abandonados, assaltantes, tráfico de drogas, algumas que compõem as atividades que vêm se desenvolvendo nos antigos prédios, especialmente aqueles que serviam como hotéis, pensões e hospedarias; c) intensificação e afirmação de um comércio altamente popular; d) a rua sofre um processo de divisão de uso, durante a noite, com atividades “marginais”, e diurnas com grande atividade comercial; e) a maioria dos proprietários, formada em grande parte pelos filhos e parentes dos antigos comerciantes do local, que adquiriram o imóvel por meio de doação, apesar de

manterem o comércio herdado do pai ou do avô, sentem-se ameaçados por rumores de um possível tombamento e pela falta de definição legislativa com relação às edificações; f) a cidade sofre um “descontrole” referente ao crescimento desordenado e a ineficácia do Plano Diretor com relação ao uso da área histórica urbana central e, especialmente, da rua em estudo. Todos esses fatores estão ocasionando a gradativa deterioração dos prédios e todo o conjunto histórico arquitetônico de Ribeirão Preto.

Historicamente, a rua continuou exercendo seu papel comercial e os proprietários utilizando as construções da maneira mais variada e de acordo com as suas necessidades. Quando adentramos em 1970, ocorreu uma transformação marcante, que já vinha sendo definida há algumas décadas, era a afirmação de um novo tipo de comércio, o de motocicletas e peças, que alterou ainda mais a aparência das construções, principalmente dos antigos armazéns. Este tipo de alteração, além de danificar e descaracterizar ainda mais o estado dos prédios, com reformas internas e externas, iniciou o processo de demolições, representando o início de uma transformação irreversível e geral da rua, podendo ser considerada a atividade que poderá provocar o golpe final na arquitetura dos três períodos anteriores.

Este tipo de atividade, comércio de motocicletas, tem crescido de maneira espantosa nos últimos anos, o que nos dá a entender que economicamente a rua sofre uma pressão muito grande para se tornar exclusivamente um comércio deste tipo, o que acarretaria a gradual demolição de todo o conjunto arquitetônico restante. É certo que as atividades comerciais sempre existiram, pois foi esta a identidade adquirida pelo local ao longo de todos estes anos, assim como sempre existiu entre as atividades de maior importância que influenciava todas as demais. Esta atividade refletiu as mudanças, por meio das reformas, que se fizeram nas edificações, agora, novamente, a rua se depara com o

mesmo mecanismo de apropriação econômica e social que transforma o espaço físico construído.

Entre os fatores que marcaram as adaptações que as construções da rua vêm sofrendo nesta fase, destaca-se a influência do aumento do número de pedestres e transeuntes no local, oriundos das vilas de maior concentração populacional; fato que antigamente era comum na rua, pois ela sempre mostrou esta vocação, ou seja, sempre foi um local transitório entre o centro da cidade e os usuários da Estação da Mogiana, na época do café. O que ocorreu foi que esta característica histórica da rua além de permanecer, ampliou-se, devido ao crescimento dos bairros periféricos e o aparecimento dos conjuntos habitacionais, as COHABS (CIONE, 1992), bem como a mudança definitiva do meio de locomoção, do trem para o automóvel, que já havia ocasionado a desativação da antiga Estação da Mogiana no centro da cidade e sua substituição por uma Rodoviária, em 29 de outubro de 1976.

Esta nova estação voltaria a incrementar o trânsito dos pedestres e viajantes pela Rua José Bonifácio, claro que sem o glamour da época do café. A estação acarretou o aumento dos problemas já verificados, pois elevou o uso do local, que há muito tempo demonstrava a falta de condições, devido à deficiência na infraestrutura gerada pelo crescimento da cidade, além da falta de manutenção e do abandono das construções e as constantes alterações para adaptar atividades para as quais os prédios não haviam sido projetados.

A adaptação de uso sofrida pelas construções, resultado das transformações impostas pelas necessidades e a eventual alteração, reformas e demolições, têm sido justificadas pela explicação de que os antigos edifícios se encontram severamente comprometidos na sua parte estrutural, veredito dado sem a análise prévia por entidades de reconhecida autoridade no assunto. Os proprietários têm deixado as construções chegarem cada vez mais a um estado

lastimável, até poderem executar sua demolição, reforçando a hipótese de uma crescente especulação imobiliária envolvendo todo o conjunto urbano da parte baixa da cidade e das proximidades do córrego Ribeirão Preto.

Quando estes argumentos conseguem êxito, ocorre a demolição do antigo prédio, mas em seu lugar não tem sido construído nenhum outro edifício e sim estacionamentos, outro artifício para driblar a legislação atual da cidade com referência ao uso e ocupação do solo. Estes estacionamentos tornam-se ilhas ou vazios urbanos, de grande poder especulativo, principalmente com o acúmulo populacional no local, ainda mais com a implantação do terminal Urbano e Transporte Coletivo Antônio Achê, em 14 de Agosto de 1982. O terminal ficava ao lado do Mercado Municipal, aumentando ainda mais o fluxo de pessoas pela rua e suas proximidades. Por volta de 1998 este Terminal já estava com suas atividades comprometidas, pois não era capaz de absorver a quantidade de usuários, ocasionando um problema a mais para o centro da cidade e para a Rua José Bonifácio.

Todos esses fatores, aliados à própria história do uso, mudanças e adaptações sofridas pelos prédios da rua, acarretaram uma característica marcante no atual aspecto do local, a utilização diurna e noturna. A diurna incrementada por uma vida corrida e agitada pela grande quantidade de pessoas que compram ou apenas transitam pela rua, utilizando o Terminal Urbano e a Estação Rodoviária. A noturna, caracterizada pela prostituição, pela “marginalidade”, que passaram a dominar toda a extensão da rua, não apenas no período noturno, mas também aos finais de semana, nos sábados à tarde e domingos, utilizando-se dos hotéis, pensões, hospedarias e sobrados para a prática de suas atividades.

Este fato tem tornado a Rua José Bonifácio um local cada vez mais perigoso, o que “expulsou” de vez os poucos moradores antigos da rua e ocasionou

para o comércio diurno problemas, pois, os assaltos e invasões tornaram-se comuns e repetitivos; o local é um “Palco da Marginalidade” estampam as manchetes dos jornais desta época em sucessivas matérias sobre a “Baixada”. A rua, que há tempos sofre o problema de cortiços e prostituição, agora enfrenta também um novo e perigoso aliado na designação pejorativa do local, o “Tráfico e Uso de Drogas”, além da quantidade de meninos e meninas de rua que perambulam e usam os prédios para pernoitar, sendo que de dia são pedintes ou praticam pequenos furtos aos transeuntes e comerciantes que alarmados com todos estes fatores vêm encerrando suas atividades na rua ou procurando se proteger, colocando grades nas portas de seus estabelecimentos e só as abrindo após a identificação do comprador. Estes aspectos têm auxiliado no abandono dos antigos edifícios e colaborado para a propaganda de demolição dos prédios.

Esta falta de cuidado e abandono, principalmente dos hotéis e sobrados, tem proporcionado aos traficantes estabelecerem pontos de venda, escondidos dentro dos labirintos que as constantes alterações construtivas criaram; estes locais, indiscutivelmente, no estado em que se encontram, são o instrumento ideal para abrigar estas atividades marginais. Os prédios tornaram-se “velhos” e em péssimo estado de conservação, mas a sua utilização é plena, seja de forma positiva ou negativa. A nosso ver, um dos principais fatores que ocasionaram a deterioração do uso das construções da Rua José Bonifácio foi a falta de preocupação por parte dos proprietários e administradores com um plano que equilibrasse crescimento populacional com a utilização dos espaços urbanos, respeitando o passado e uso para os quais os antigos prédios foram projetados. Este fator, aliado a todo o sistema, na qual a necessidade de sobrevivência foi o principal aspecto, proporcionou o desenvolvimento descontrolado de todos os aspectos analisados.

As adaptações foram a forma de absorver as mudanças, mas não o estabelecimento de uma relação ideal entre o espaço anteriormente construído e o tipo de uso e usuário deste período. As consequências do desenvolvimento descontrolado da cidade e sua repercussão foram objeto de nossa pesquisa, mas os relatos não fazem parte desta edição.

Foto: Grupo Amigos da Fotografia 2010





Como contribuição da pesquisa, foram levantadas propostas de preservação da arquitetura da Rua José Bonifácio, mas o capítulo não está nesta edição.

Foto: Grupos Amigos da Fotografia, 2010.

Considerações finais

A história de uma cidade está relacionada a sua produção arquitetônica. Esta afirmação envolve muitas variáveis e sempre quando se fala em cidade e construção, logo se enfoca o profissional de arquitetura, pois não se poderia falar destes dois aspectos sem o conhecimento em especial do assunto. Talvez a preocupação de muitas pesquisas que tratam deste tema tenha sido falar apenas dos aspectos construtivos e urbanos, sem relacioná-los ao fator humano e as práticas deste homem em cada período, quando se fala em práticas relacionadas à produção do homem, significa entre outras coisas falar da questão social, econômica e política.

A produção do espaço não é casual, mas resultante de uma lógica advinda de práticas e formas de apropriação de um local por certo grupo social em uma determinada época. Devemos entender que a intenção específica desta produção foi o de contar a história de uma cidade por meio da arquitetura de uma de suas ruas. Mas como contar esta história utilizando apenas as construções? A história como disciplina e conhecimento, devido à sua própria afinidade natural com a arquitetura e urbanismo, é a principal estruturadora desta união, pois as construções tornam-se o reflexo das realizações humanas.

Dentro desta questão, um pequeno universo no meio urbano, uma rua, escolhida minuciosamente. Esta rua abrigou todos os momentos e participou ativamente dos acontecimentos econômicos, sociais e políticos da cidade. A rua, um quadro histórico construído através de décadas, com um início, um auge, uma crise, mudanças e adaptações, criando, transformando e deformando os seus prédios de acordo com as necessidades dos seus usuários.

Como aliar fatos aos princípios plenamente compreendidos em arquitetura

e relacioná-los com os elementos da história e ao homem? Como mostrar através da visão do arquiteto e urbanista as alterações ocorridas ao longo dos anos, de forma histórica? Esta explicação se constituiu pela reunião do conhecimento do estilo da construção feita em cada período com a capacidade histórica em aplicar metodologias de busca, análise, diagnóstico e prognóstico de dados e especialmente na capacidade de “interpretar” a história.

Neste universo extenso e complexo que é a cidade, a rua, um micro-espço e ao mesmo tempo relacionada ao todo, é capaz de mostrar através de seus prédios como se viveu e sobreviveu em cada período da história da cidade, simplesmente porque os edifícios foram, indiscutivelmente, a representação construída das ações humanas. O grande “segredo” para reunir História e Arquitetura é entender o significado da palavra interdisciplinaridade, nenhum conhecimento é superior a outro, mas a sua reunião possibilita remover barreiras consideradas anteriormente intransponíveis e, neste caso, a História cedeu o conhecimento básico e fundamental do como se realizar a pesquisa, não apenas metodologicamente, mas possibilitando a compreensão das ações humanas e sua relação minuciosa com cada construção e seu uso. Já a Arquitetura possibilitou a definição daquela aparente e lógica relação entre o estilo da construção, o período, a técnica, a espacialidade, a forma e função, com o período, o grupo humano que fez e realizou a edificação.

Aquela história apenas contada por meio das datas não se mostrou atraente e era incapaz de reconhecer os verdadeiros protagonistas dos acontecimentos humanos, como já havia “bradado” os princípios da “História Nova”. O popular, as intimidades e as mudanças humanas tornaram-se sedutoras para se contar a história, um “molho” especial e necessário a um novo “tempero”, maleável e flexível, mas ao mesmo tempo, científico e recorrendo às características históricas acadêmicas, embasado documentalmente, enfim, recursos

novos e antigos para executar um trabalho novo, dinâmico, atraente e coerente.

Não existe o desprezo a nada, mas sim à soma, próprio da interdisciplinaridade; elevar o conhecimento, uma disciplina enriquecendo à outra, apoiando-se, necessitando, tornando-se estreitamente ligadas; mesmo que há muito tempo já possuíam afinidades, pois o que seria da Arquitetura sem a História? Qual seria o repertório do arquiteto, qual a fundamentação de seu conhecimento, seria apenas a técnica, mas esta também não tem a sua história! Aprende-se história da arquitetura a cada momento e sua necessidade é básica; mas como demonstrar maior relação entre arquitetura e história? Simplesmente reconhecendo nas ações do homem os dispositivos que criaram as construções comuns às duas áreas do conhecimento. Devemos assumir uma posição, que já deveria ser clara aos arquitetos: o meio construído é um reflexo das ações humanas. Mas este meio tem a capacidade de transformar, mudar, alterar o comportamento deste mesmo homem? A resposta é afirmativa, pois este trabalho demonstrou as mudanças e adaptações humanas e sua relação com as alterações e reformas das construções.

Existe a necessidade da compreensão da História por parte do arquiteto e, da Arquitetura por parte do historiador, mas se a intenção é mostrar a história através da arquitetura, é responsabilidade, neste caso, do arquiteto de “descortinar” o como se poderia realizar este tipo de relação. Entretanto isto seria impossível sem antes conhecer e estruturar a maneira do como se “pratica” História, as suas normas, sua própria história como condição de conhecimento no desenvolvimento científico. Ser um historiador, saber como sê-lo, para depois voltar a ser um arquiteto, com repertório e embasamento teórico das ações humanas em relação aos espaços construídos.

A possibilidade de reconhecer o valor da História dentro das Ciências Huma-

nas, em especial da Arquitetura e utilizá-la, significa ampliar e aumentar a capacidade do reconhecimento de onde os estilos construtivos, anteriormente apenas observados como fatores estéticos dentro de um período, a descoberta do como se interpretar os acontecimentos através de documentos escritos, sua relação com as construções, seja o objeto uma casa ou outro qualquer, foi o resultado maior que o conhecimento histórico proporcionou a este trabalho.

A história possibilita a interpretação, a subjetividade, que são parâmetros, além da identificação do homem como escritor das produções humanas, mas esta relativa liberdade da história torna-se, para os historiadores, uma grande norma ética, pois eles se esforçam para que todas as suas interpretações possam ser justificadas através de comprovações documentais. Para os urbanistas, o grande documento é a relação do homem com seu ambiente construído e não apenas o produto desta relação, então a História e a Arquitetura possuem ainda mais afinidades do que as citadas anteriormente.

Para a Arquitetura a grande forma de transmitir o pensamento e o conhecimento é por meio da imagem e do desenho. O arquiteto tem uma dificuldade enorme quando há necessidade de se fazer compreender o que significa a imagem ou o objeto usando a escrita ou a linguagem para outras áreas do conhecimento humano. Esta dificuldade, acreditamos, também ser enfrentada por outras áreas, como a pintura, a escultura e afins. A imagem representa para cada pessoa uma infinidade de coisas e uma subjetividade enorme, aprender a escrever sobre o que foi realizado sempre envolve uma grande dificuldade ao arquiteto. A História e sua metodologia são o conhecimento perfeito e a estrutura adequada que pode tornar possível a estas áreas a transmissão do conhecimento que envolva a intenção de se contar o passado de outra maneira. Longe de nossa pretensão influenciar ou determinar um modelo de pensamento apenas gostaria de, reconhecidamente, agradecer a História por possibilitar maior abertura do

que entendíamos anteriormente como Arquitetura. Nossas ideias tornam-se apenas um simples tributo e uma maneira de reconhecer na História uma das disciplinas fundamentais dentro de todo o conhecimento humano e a grande conclusão desta dissertação não seria reescrever nestas últimas páginas o que foi detalhadamente explicado ao longo do trabalho e sim mostrar a viabilidade da interdisciplinaridade na reunião das Ciências e neste caso em especial da História e da Arquitetura.

Foto: Amigos da Fotografia, 2010.





1938

SA JAPÃO

*** COURO * ARMARINHOS**

FONTES

Entrevistas:

Realizadas com pessoas relacionadas ao assunto (de 01 de janeiro de 1996 a 20 de julho de 1996):
Proprietários, comerciantes, funcionários e usuários da Rua José Bonifácio.

ALBERTO VIEIRA RODRIGUES
ANTONIO PAULA CORREA
ANTONIO VARALDA FILHO
APARECIDO DONIZETE SANZO
ARTUR LUIZ CARBORANTE
AVENIR FERNANDES PASSOS
EDIVAR AMANCIO DA SILVA
ELIAS FERREIRA MENDES
ERNESTO BELTÃO
FRANCISCO CELOI
IRMÃO AMPRINO
JOÃO LAGOA FILHO

JAMES RODGERS BOLELLI CUNHA
JOSÉ CARLOS RIGOBELLO
JOSÉ EDIMILSON MARTINS
JOSÉ ROBERTO
LUIZ GERALDO FERNANDES
MARIA DE CARMO LEITE
NILO ESTEVES
NORIVAL MENGOTO
OLDERIGE MARGARIDO
OSRIVALDO FIORINO
OSÉIAS SCAFFO
PAULO NAKKANO
RUBENS CARLOS DA ROCHA
RENER LUIZ NICOLINO

Entrevistas realizadas com pessoas relacionadas ao assunto (funcionários do Arquivo Público e Histórico Municipal).

MARIA APARECIDA MARQUES. Funcionária do Arquivo Público e Municipal de Ribeirão Preto.

PEDRO MIRANDA. Diretor, Escritor, Historiador e Funcionário do Arquivo Público e Municipal de Ribeirão Preto.

TÂNIA CRISTINA REGISTRO. Funcionária do Arquivo Público e Municipal de Ribeirão Preto.

Arquivos pesquisados

Sindicato dos Gráficos da Cidade de Ribeirão Preto

Jornal “Diário da Manhã” de Ribeirão Preto

1º de janeiro de 1900 a 31 de dezembro de 1978.

1º de janeiro de 1923 a 31 de dezembro de 1978.

Jornal “A Tarde” de Ribeirão Preto

1º de Janeiro de 1910 a 31 de dezembro de 1968.

1º de Janeiro de 1930 a 31 de dezembro de 1968.

Setor Técnico do Corpo de Bombeiros da Cidade de Ribeirão Preto: processos de autorização para funcionamento comercial dos prédios da Rua José Bonifácio.

Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto: processos da antiga Directoria de Obras, relativo a plantas de aprovação para a construção de edifícios na Rua José Bonifácio e mapas do Álbum Comemorativo do 10 Centenário da Fundação de Ribeirão Preto, organizado por João Emboaba da Costa.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Ribeirão Preto da Instituição Moura Lacerda.

Biblioteca da Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP.

Biblioteca Cultural Altino Arantes.

Biblioteca da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca.

Biblioteca da Universidade Federal de São Carlos.

10 Cartório de Registros de Imóveis e Anexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDI, P. M. História da Arte Brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1975, v. 1.

BORGES, M. E. A Pintura na capital do café: sua História e Evolução no Período da 1ª República em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1983.

BRESCHIANI, S. Imagens da Cidade. São Paulo: Marco Zero, 1978.

CIONE, R. História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Summa Legis, 1992. v. 1, 2, 3, 4.

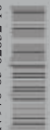
CRUZ, N. P. de B. Manoel Penna – Centenário. Ribeirão Preto: SDP Marketing & Comunicação, 1989.

DEL BRENA, G. R. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In: FABRIS, Annateresa (org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987. p. 37.

FABRIS, A. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987.

FESSER, M. Notas históricas sobre a formação do espaço construído: os tipos de habitação

- multifamiliar no Rio de Janeiro. Brasília: PINI, 1986.
- FITCH, J. M. Preservação do Patrimônio Arquitetônico. SPHAN, São Paulo: FAUUSP, 1993.
- GOITIA, F. C. História Geral da Arte. Rio de Janeiro: Del Prado, 1997. Arquitetura VI.
- HALBWACHS, M. Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- IL BRASILE e gli italiani. Ribeirão Preto, s/d.
- LAGES, J. A. Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro. Ribeirão Preto: VGA Editora e Gráfica, 1996.
- LEMOS, C. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987.
- _____. Patrimônio Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- _____. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1989.
- PRATES, P. C. Ribeirão Preto de Outrora. 4 ed. Ribeirão Preto: Gráfica bandeirantes, 1975.
- REIS FILHO, N. G. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- RIO, V. Introdução ao desenho urbano no processo de Planejamento. São Paulo: PINI, 1990.
- SAIA, L. Morada Paulista. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SALMONI, A. & DEBENEDETTI, E. Arquitetura Italiana em São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SANTOS, C. N. F. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: Universidade Federal Fluminense - EDUFF, 1988.
- _____. Rio de Janeiro, o que transforma e em que é transformado. In: Desenho Urbano I – Cadernos Brasileiros de Arquitetura, São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984. Nº 12. P. 100-116.
- SITTE, C. A Construção da cidade segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
- SULLIVAN, L. In: História Geral da Arte: Dicionário Biográfico de Artistas II. Madri: Carrogio S/A, 1996. p. 83.
- TEIXEIRA, M. M. Ecletismo na Intimidade. In: PEREIRA, Sonia Gomes (Org.). Cadernos de pós-graduação. Rio de Janeiro: Gráfica da UFRJ, s/d. P. 63-75.



Apoio



Realização

Secretaria da
CULTURA

